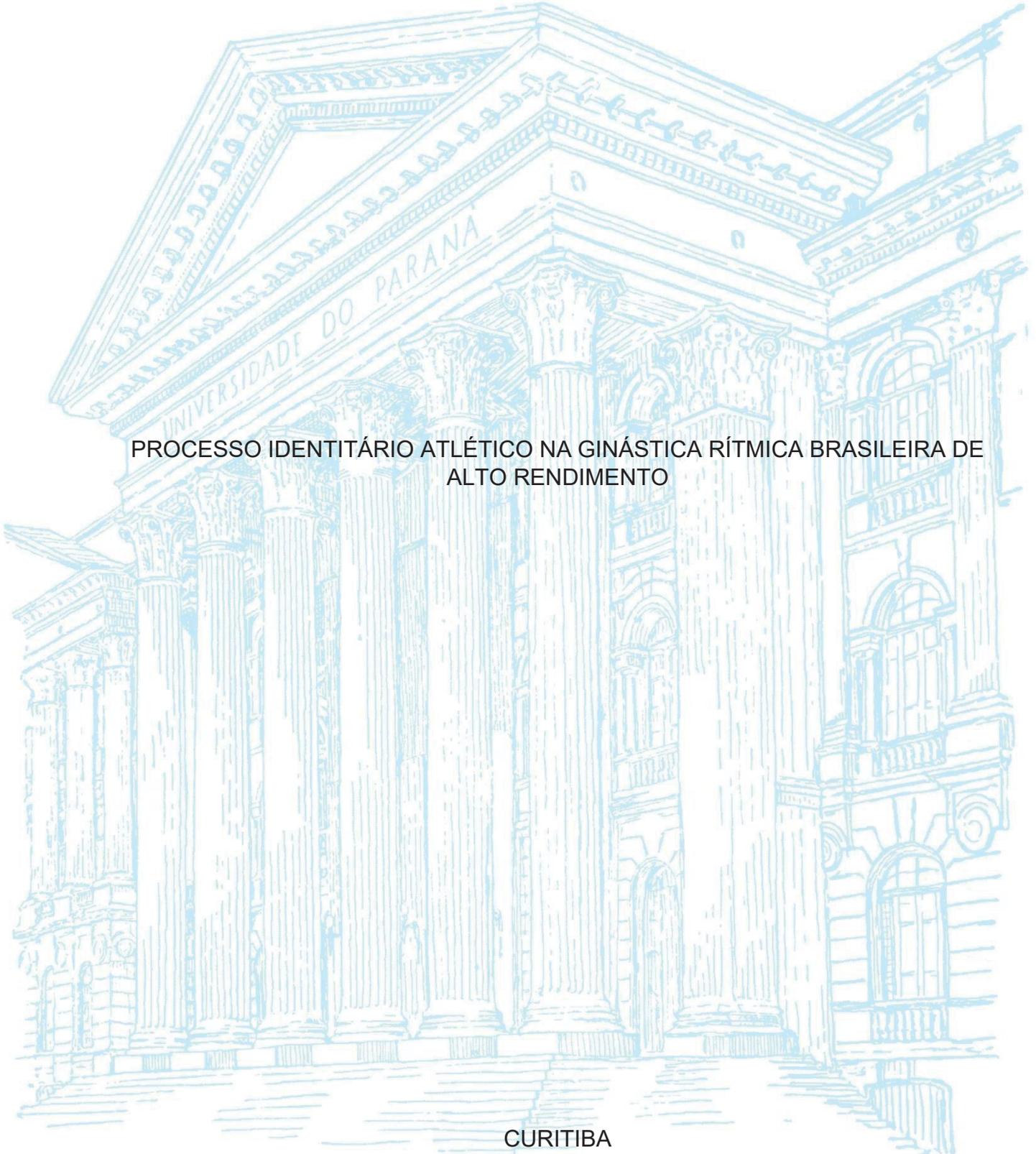


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA BONELI VIEIRA

PROCESSO IDENTITÁRIO ATLÉTICO NA GINÁSTICA RÍTMICA BRASILEIRA DE
ALTO RENDIMENTO

CURITIBA
2023



MARIANA BONELI VIEIRA

PROCESSO IDENTITÁRIO ATLÉTICO NA GINÁSTICA RÍTMICA BRASILEIRA
DE ALTO RENDIMENTO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Joice Mara Facco Stefanello

CURITIBA

2023

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Vieira, Mariana Boneli

Processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento / Mariana Boneli Vieira. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Joice Mara Facco Stefanello.

1. Ginástica rítmica. 2. Atletas. 4. Desempenho atlético. 5. Alta performance. I. Stefanello, Joice Mara Facco. II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **MARIANA BONELI VIEIRA** intitulada: **PROCESSO IDENTITÁRIO ATLÉTICO NA GINÁSTICA RÍTMICA BRASILEIRA DE ALTO RENDIMENTO**, sob orientação da Profa. Dra. JOICE MARA FACCO STEFANELLO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 27 de Fevereiro de 2023.

Assinatura Eletrônica

27/02/2023 17:34:18.0

JOICE MARA FACCO STEFANELLO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

02/03/2023 22:37:37.0

ANDRÉ MENDES CAPRARO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

17/05/2023 16:17:33.0

JOAO RICARDO NICKENIG VISSOCI

Avaliador Externo (DUKE UNIVERSITY)

Dedico aos meus ancestrais por repassarem sabedoria; aos meus pais que não mediram esforços em garantir que seus filhos tivessem acesso à educação e trabalhassem com o que amam; aos meus irmãos por me incentivarem sempre; ao meu companheiro por ter tanta paciência e me auxiliar na realização dos meus sonhos; aos meus professores por plantarem grandes sementes de reflexão; e a todas as mulheres que lutaram e lutam para que a ginástica rítmica siga se perpetuando por muitas gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Adhemar e Jovelina, pela educação, paciência com os processos, carinho e amor incondicional. Aos meus irmãos Mateus e Vinicius, que tanto me acolheram, nas diversas conversas e incentivo para seguir o caminho sem esquecer da minha essência. Aos meus familiares que sempre dirigiram palavras de incentivo.

Ao meu marido Jhony, por aparecer no momento em que o mestrado era um sonho que parecia distante, mas que foi se concretizando e ganhando força como o nosso amor. Aos meus amigos que deram forças para seguir lutando pelo que acredito.

Aos professores do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR, por repassarem conhecimento. Agradeço ao Rodrigo, secretário do PPGEDF-UFPR, que antes mesmo do meu ingresso no PPGEDF atendeu e seguiu atendendo todos os pedidos e dúvidas com muita paciência. Também aos membros participantes da banca, Prof. Dr. André Mendes Capraro, Prof. Dr. João Ricardo Nickenig Vissoci, Prof. Dr^a Lenamar Fiorese e Prof. Dr. Marcelo Moraes e Silva por aceitarem participar desta etapa tão importante na vida acadêmica e por colaborarem com seu conhecimento. As professoras especialistas que participaram do processo com grandes contribuições.

Agradeço a todos os membros do Laboratório de Pesquisa em Psicologia do Esporte da UFPR, pelas trocas, risadas e conselhos preciosos. Obrigada Daniel, Gabriel, Mayara, Mylena, Thais e principalmente nossa orientadora, Joice. Obrigada por contribuir de forma tão significativa na minha vida, suas palavras estão guardadas com muito carinho no meu coração.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Ninguém pode ser escravo de sua identidade: quando surge uma possibilidade de mudança é preciso mudar.”

(Elliot Gould)

RESUMO

O processo identitário atlético é a junção da teoria do processo identitário com o construto identidade atlética. Deve-se levar em consideração que quando se fala de processo refere-se à algo dinâmico e ativo, o que prontamente se interliga à identidade, que ao longo dos anos, passa por transformações e mudanças. A ginástica rítmica surge na Europa em meados do século XX e chega ao Brasil nos anos 50, atraindo meninas e mulheres que praticam ou praticaram em diversas regiões do país até consolidar o alto rendimento na modalidade brasileira. O objetivo do estudo foi analisar o processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 26 ex-atletas e atletas brasileiras de ginástica rítmica de alto rendimento que tivessem participado de campeonatos nos níveis nacional, internacional e olímpico em três gerações: geração 1 – ginastas precursoras que competiram até 1989, geração 2 – ginastas que competiram de 1990 a 2008 e geração 3 – ginastas que competiram de 2008 a 2021. Foram investigadas as fases, os elementos e as dimensões constituintes do processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento, considerando as gerações (geração 1, 2 e 3), os níveis competitivos (nacional, internacional e olímpico) e categorias de atuação (individual e conjunto). Nas fases do processo identitário atlético, fatores como sentir-se ginasta desde o início de sua participação na modalidade, na transição de horário, nível e clube, ao participar de eventos e viagens, nas conquistas sendo com medalhas ou somente participação e no reconhecimento esportivo e social mostraram ser fatores importantes para a construção do processo identitário atlético para atletas e ex-atletas da ginástica rítmica; para a manutenção da sua identidade atlética, as entrevistadas relataram como relevantes o enlace afetivo, a perspectiva de futuro, o compromisso, as conquistas, a estabilidade financeira, a motivação extrínseca e traços pessoais; a ruptura da identidade atlética pareceu dever-se a fatores como a busca pela saúde física e mental, a finalização de carreira, a transição de carreira e frustração que pode levar a perda de interesse na modalidade ou no treinamento e a consequente mudança de cidade. No que diz respeito aos elementos do processo identitário atlético, ser uma criança muito ativa, ser uma pessoa que gosta de treinar e ser competitiva, são aspectos relevantes da categoria social; amizades e companheirismo na modalidade, demonstram grande enlace com o esporte e a identidade atlética e destacaram-se na categoria relações interpessoais; o reconhecimento da sociedade sobre a sua identidade atlética foi o aspecto mais relevante na categoria representação social; a possibilidade de aparecer na TV, gostar de se apresentar e gostar de aparecer, surge como afirmação do processo identitário atlético na categoria exposição representacional; a observação de ginastas mais velhas como forma de absorção de aprendizado foi o destaque na categoria aprendizagem vicária. Quanto às dimensões do processo identitário atlético, traços pessoais como ser uma criança ativa, ser canhota, gostar de aparecer, gostar de criar e montar séries, gostar de ser responsável pelo resultado e ser individualista representam a dimensão conteúdo, enquanto eventos marcantes como competições, conquistas, viagens e convocações referiram-se à dimensão valor. Observou-se similaridades nas fases, nos elementos e nas dimensões do processo identitário atlético de ex-atletas e atletas de diferentes níveis competitivos, gerações e provas. Porém ressalta-se na fase de ruptura de identidade atlética as lesões e o cansaço relatados em sua maioria pelas ex atletas olímpicas. Na dimensão valor destacam-se as viagens relatadas pelas atletas de nível nacional e internacional. Conclui-se que o processo identitário atlético fala sobre o tempo de construção e desconstrução de identidade de pessoas em um meio extremamente dinâmico como o esporte, os elementos farão as atletas afirmarem suas identidades atléticas perante a sociedade e as dimensões darão forma às vivências sendo constantemente revisadas e alteradas o seu valor.

Palavras-chave: identidade atlética; ginástica rítmica; alto rendimento.

ABSTRACT

The athletic identity process is the junction of the theory of the identity process with the athletic identity construct. It should be taken into account that when we talk about process we are talking about something dynamic and active, which is readily intertwined with identity, which over the years undergoes transformations and changes. Rhythmic gymnastics emerged in Europe in the mid-twentieth century and arrived in Brazil in the 1950s, attracting girls and women who practiced the sport in different regions of the country until consolidating high performance in the Brazilian modality. The objective of the study was to analyze the athletic identity process in Brazilian high performance rhythmic gymnastics. To this end, semi-structured interviews were carried out with 26 former athletes and Brazilian high-performance rhythmic gymnastics athletes who had participated in championships at the national, international and Olympic levels in three generations: generation 1 - precursor gymnasts who competed until 1989, generation 2 - gymnasts who competed from 1990 to 2008 and generation 3 – gymnasts who competed from 2008 to 2021. The phases, elements and constituent dimensions of the athletic identity process in Brazilian high-performance rhythmic gymnastics were investigated, considering the generations (generation 1, 2 and 3), the competitive levels (national, international and Olympic) and performance categories (individual and group). In the phases of the athletic identity process, factors such as feeling like a gymnast from the beginning of their participation in the modality, in the transition of time, level and team, when participating in events and trips, in the victories with medals or only participation and in sports and social recognition proved to be important factors for the construction of the athletic identity process for athletes and former athletes of rhythmic gymnastics; for the maintenance of their athletic identity, the interviewees reported as relevant the affective link, the perspective of the future, the commitment, the victories, the financial stability, the extrinsic motivation and personal traits; the rupture of the athletic identity seemed to be due to factors such as the search for physical and mental health, the end of the career, the career transition and frustration that can lead to loss of interest in the modality or training and the consequent change of city. With regard to the elements of the athletic identity process, being a very active child, being a person who likes to train and being competitive are relevant aspects of the social category; friendships and companionship in the modality, demonstrate a great connection with the sport and the athletic identity and stood out in the interpersonal relationships category; society's recognition of their athletic identity was the most relevant aspect in the social representation category; the possibility of appearing on TV, enjoying performing and enjoying appearing, emerges as an affirmation of the athletic identity process in the representational exposure category; the observation of older gymnasts as a way of absorbing learning was the highlight in the vicarious learning category. As for the dimensions of the athletic identity process, personal traits such as being an active child, being left-handed, liking to show off, liking creating and putting together series, liking being responsible for the result and being individualistic represent the content dimension, while important events such as competitions, victories, trips and call-ups for the national team referred to the value dimension. Similarities were observed in the phases, elements and dimensions of the athletic identity process of former athletes and athletes from different competitive levels, generations and sports competitions. However, in the phase of rupture of athletic identity, injuries and fatigue reported mostly by former Olympic athletes are highlighted. It is concluded that the athletic identity process talks about the time of construction and deconstruction of people's identity in an extremely dynamic environment such as sport, the elements will make the athletes affirm their athletic identities before society and the dimensions will shape the experiences being constantly revised and changed its value.

Keywords: athletic identity; rhythmic gymnastics; high sports performance.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1. Teoria do processo identitário em sua estrutura. | 24 |
| FIGURA 2. Representação da teoria do Processo identitário atlético em sua estrutura | 24 |
| FIGURA 3. Fluxograma representativo da origem da GR (NAVARRO, 2005) | 28 |
| FIGURA 4. Breve histórico da ginástica rítmica brasileira nas olimpíadas – individual | 32 |
| FIGURA 5. Treinadoras da seleção brasileira de ginástica rítmica..... | 33 |
| FIGURA 6. Breve histórico da ginástica rítmica brasileira nas olimpíadas – conjunto..... | 34 |
| FIGURA 6. Distribuição de participantes por região | 37 |
| FIGURA 7. Etapas da pesquisa..... | 43 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO 1. Atletas de nível olímpico, por estado, idade, geração e edição de participação | 38 |
| QUADRO 2. Atletas de nível internacional, por estado, idade, geração e edição de participação | 38 |
| QUADRO 3. Atletas de nível nacional, por estado, idade, geração e edição de participação | 39 |
| QUADRO 4. Pontos de referência para entrevista | 41 |
| QUADRO 5. Dados das participantes das entrevistas piloto..... | 42 |
| QUADRO 6. Valores do CVCc para cada indicador das fases de construção, manutenção e ruptura do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica | 47 |
| QUADRO 7. Valores do CVCc para cada indicador de elementos do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica..... | 49 |
| QUADRO 8. Valores do CVCc para cada indicador dos elementos do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica..... | 50 |
| QUADRO 9. Indicadores das fases de construção, manutenção e ruptura encontrados para cada geração, com o número correspondente de atletas..... | 51 |
| QUADRO 10. Indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético encontrados para cada geração, com o número correspondente de atletas | 52 |
| QUADRO 11. Indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético encontrados para cada geração, com o número correspondente de atletas | 53 |
| QUADRO 12. Indicadores das fases de construção, manutenção e ruptura encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas..... | 55 |
| QUADRO 13. Indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas..... | 57 |
| QUADRO 14. Indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas..... | 58 |
| QUADRO 15. Indicadores das fases de construção, manutenção e ruptura encontrados para cada categoria competitiva (individual e conjunto), com o número correspondente de atletas | 60 |
| QUADRO 16. Indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético encontrados para cada categoria em que as atletas competem (individual e conjunto)..... | 61 |
| QUADRO 17. Indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas..... | 63 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1. Caracterização do grupo de especialistas participantes da etapa de avaliação dos indicadores | 45 |
|--|----|

LISTA DE ABREVEATURAS OU SIGLAS

CBG – Confederação Brasileira de Ginástica

FIG – Federação Internacional de Ginástica

GR – Ginástica Rítmica

GRD – Ginástica Rítmica Desportiva

GUG – Grupo Unido das Ginastas

IA – Identidade atlética

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 1.1 OBJETIVOS..... | 18 |
| 1.1.1. Objetivo geral..... | 18 |
| 1.1.2. Objetivos específicos | 18 |
| 1.2 DEFINIÇÃO DE TERMOS | 18 |
| 1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO | 19 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 20 |
| 2.1 Identidade e identidade atlética | 20 |
| 2.2 Teoria do processo identitário..... | 22 |
| 2.3 Processo identitário atlético. | 24 |
| 2.4 Ginástica rítmica e sua própria identidade | 26 |
| 2.4.1 Surgimento da ginástica rítmica brasileira | 28 |
| 3. MATERIAIS E MÉTODOS..... | 36 |
| 3.1 Tipo de estudo | 36 |
| 3.2 Participantes | 36 |
| 3.3 Instrumentos | 39 |
| 3.4 Procedimentos | 41 |
| 3.5 Análise de dados..... | 44 |
| 4. RESULTADOS | 47 |
| 4.1 Adequação dos indicadores pelo grupo de especialistas..... | 47 |
| 4.2 Processo identitário, considerando as diferentes gerações da ginástica rítmica brasileira (Geração 1, Geração 2, Geração 3). | 50 |
| 4.3 Processo identitário, considerando os diferentes níveis competitivos das atletas e ex-atletas da ginástica rítmica brasileira. | 55 |
| 4.4 Processo identitário, considerando as diferentes categorias em que as atletas e ex-atletas da ginástica rítmica brasileira competem (individual e conjunto)..... | 60 |
| 5. DISCUSSÃO..... | 65 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 81 |
| REFERÊNCIAS..... | 83 |
| APÊNDICES. | 90 |
| ANEXOS. | 102 |

1 INTRODUÇÃO

A identidade tem sido tema de grande interesse por sua relevância no desenvolvimento individual, social e moral das pessoas. Desde o último terço do século XX, a visão unitária da identidade deu lugar a uma visão múltipla, que depende das circunstâncias em que uma pessoa está envolvida, sendo tida como uma concepção situacional que enfatiza a plasticidade da mudança de acordo com as posições que uma pessoa ocupa em distintos momentos e contextos (PEIRÓ-VELERTE et al., 2015). De tal modo, a visão que a pessoa tem de si mesma pode mudar as observações de seus próprios comportamentos e do contexto social que a rodeia (ÍNIGUEZ, 2001), fazendo com que a construção da identidade seja algo cíclico que transmuta durante toda a vida, passando por diversas fases – se construindo e se desconstruindo.

A formação da identidade ocorre de maneira gradual e individual considerando elementos que derivam de todos os aspectos da vida da pessoa – representação social, categoria social, relações interpessoais, exposição representacional e aprendizagem vicária (BREKWELL, 2015).

As representações sociais são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Consequentemente, são formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias, mas que não se reduzem jamais a componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, as representações sociais contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção (JODELET, 1985).

Os indivíduos constroem representações sobre a própria estrutura social e as clivagens sociais, e é no quadro das categorias oferecidas por essas representações que as pessoas se autoposicionam e desenvolvem redes de relações, no interior das quais se produzem e transformam as representações sociais. Se por um lado as representações sobre a estrutura social, enquanto variável independente, suscitam sistemas de categorização ou grupos sociais,

por outro, as representações sociais, enquanto variável dependente, são construídas no interior dessas categorias ou grupos sociais (VALA, 1997).

A interação entre as pessoas em diferentes situações são comuns e fazem parte da existência humana, tratando-se de um dos fenômenos mais corriqueiros, no qual se visualiza gente lidando com gente, mesmo com suas diferenças e individualidades (MAGALHÃES, 2001). Porém, as condições em que ocorrem tais relacionamentos definem a forma de convivência entre os seres humanos, que são seres de relações, e destes com a natureza. As relações interpessoais, compreendidas como os contatos entre os indivíduos, suas trocas e comunicações, diferenciam sofrimento e bem-estar e definem como a vida social é construída em seu cotidiano. Uma vez que deteriorações nas relações interpessoais podem resultar em deterioração das relações sociais e das relações inter e intra-organizacionais, os relacionamentos interpessoais, e sua inerente dimensão emocional, são tidos como um processo vital na existência e sobrevivência das organizações sociais, pois são esses processos interativos que formam o conjunto de sistemas que a organizam (LEITÃO et al, 2006).

A exposição representacional, envolvendo como os comportamentos são externalizados e conseqüentemente julgados, faz com que a pessoa, quando em situação de exposição mediante os demais semelhantes, se encontre com a ideia de decisão do que representar e expor em frente ao mundo.

Reforça-se, assim, que a formação de identidade acontece na interação do indivíduo com o meio e, particularmente, por meio da observação de informações importantes para tomada de decisão e ação. Assim, a experiência vicária reforça os elementos que compõem a identidade por meio de exemplos e imagens, pois o comportamento do outro serve como aprendizado diário e conseqüentemente afeta diretamente o aprendiz, ou observador.

No contexto esportivo, a formação da identidade pode surgir de um sonho, uma vontade, um querer, uma inspiração. Os sonhos são gerados e organizados mentalmente, formando uma vontade de se tornar algo – o devir. Vale destacar que o devir não é uma correspondência de relações. Tampouco uma semelhança, uma imitação ou uma identificação. Não é também uma evolução por dependência e filiação – o devir nada produz por filiação, pois, se assim fosse, toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que não a da filiação. Ele é da ordem da aliança (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Nessas circunstâncias, todo o devir acontece no encontro entre dois

indivíduos, não sendo uma relação na qual ocorrem eventuais conversas ou mesmo olhares a partir de referências e modelos identificados e pré-determinados socialmente, em que se estabelecem encontros tendo como princípio opiniões e ideias supostamente fixas e inabaláveis, consideradas aprioristicamente como certezas insofismáveis (DOREA, 2002).

Nessa perspectiva, a busca pela identidade no esporte também acontece de maneira progressiva, com o passar dos anos, quando o atleta começa a afirmar traços de identificação na modalidade a qual está fazendo parte. No momento em que o indivíduo percebe sua atração para o movimento, e para se locomover com maestria, vislumbra a possibilidade de tornar-se atleta, função que reforçará um percurso de dedicação e constância na construção da sua identidade no esporte. O esporte passa, então, a moldar a identidade atlética, definida como o grau em que um indivíduo se identifica com o papel de atleta (BREWER et al, 1993). Esse processo corresponderá a uma completa e rápida transformação física e mental, exigindo grande esforço e dedicação do participante, dependendo principalmente da idade de sua iniciação esportiva.

A idade de início do treinamento especializado varia de acordo com a cultura e a modalidade esportiva (BOMPA, 2000; ZAKHAROV, 1992), o sexo, a vida útil da prestação esportiva e o ápice esportivo (CARAZZATO, 1995). A especialização esportiva precoce (EEP) na ginástica rítmica brasileira acompanha o que acontece em diversos países e em outros esportes como natação e atletismo (KUNZ, 1994). É importante destacar que a Ginástica Rítmica (GR), desporto essencialmente feminino, caracteriza-se como uma modalidade que necessita de uma seleção precoce em razão do aproveitamento das fases mais sensíveis para a obtenção de determinados domínios motores (LANARO et al, 2003), apresentando-se como uma modalidade de vasta dificuldade técnica. Seu treinamento é geralmente direcionado para o alto desempenho e para a formação de atletas, cujo objetivo é atingir a performance máxima, de modo que as praticantes são submetidas a altas cargas de treinamento (CAÇOLA, 2007).

O treinamento das habilidades específicas e qualidades físicas envolvidas visam ao aprimoramento estético e artístico dos movimentos por meio de exercícios individuais e de conjunto (MENEZES et al, 2012). O conjunto, formado por cinco integrantes, necessita de um trabalho diferenciado do que é necessário para os exercícios individuais, pois assemelha-se com as características das modalidades coletivas. O conjunto exige a organização do treinamento e das composições coreográficas respeitando as individualidades,

porém com o intuito de um resultado comum. A participação de cada ginasta ao mesmo tempo no trabalho, de forma homogênea e com espírito coletivo, é sua característica típica (LISITSKAYA, 1995; LAFFRANCHI, 2005). Para isso, precisa funcionar com regras de organização interna, com liderança e reconhecimento das possibilidades e limitações de cada membro da equipe. Todas essas necessidades devem ser repartidas em tarefas, dependendo da capacidade individual das ginastas (BOBO; PALMEIRO, 1998).

Essas particularidades, fazem com que a carreira esportiva na ginástica rítmica não tenha características embasadas em modelos clássicos das profissões. Primeiramente, porque se discute a legitimidade do esporte como profissão, e, portanto, como trabalho, e segundo, porque mesmo dentro dos esportes de alto rendimento, há especificidades críticas do início, desenvolvimento e encerramento da carreira esportiva (CAMPOS et al, 2017). Portanto, é consensual a ideia de que a carreira das atletas deva ser fruto de um planejamento extremamente minucioso, onde os resultados absolutos estejam no ápice dos objetivos. Por planejamento de carreira entende-se a definição das ações ou comportamentos necessários para desenvolvimento de carreira, sendo considerado um aspecto crucial também no contexto de encerramento da carreira esportiva (ROGERS; CREED, 2011). As questões inerentes a esse planejamento devem, portanto, estar diretamente relacionadas ao percurso do jovem atleta, envolvendo, entre outros fatores, o treinamento e as competições (CAFRUNI et al, 2006). Quando os objetivos são claramente identificados, os planos de carreira são feitos para perseguir tais objetivos, desencadeando não apenas conquistas na carreira, mas facilitando o processo de transições.

Como a identidade é uma história de vida internalizada e em evolução, pode auxiliar na autocompreensão do atleta e proporcionar um senso de unidade e propósito (MCADAMS, 1988). Logo, quando se busca entender o processo identitário atlético em atletas de ginástica rítmica, deve-se olhar para o sonho de cada atleta, aonde elas querem chegar e de que forma se pode vislumbrar essa caminhada, os objetivos atrelados aos obstáculos e como superá-los na escalada da carreira. Contudo, a falta de pesquisas relacionadas à identidade atlética na ginástica rítmica brasileira aponta para uma grande lacuna científica, não se encontrando estudos que elucidem como os processos identitários atléticos são formados e como podem definir o plano de carreira das atletas de ginástica rítmica do Brasil.

Assim, no intuito de abrir caminhos para novas pesquisas relacionadas à psicologia do esporte dentro da ginástica rítmica, o objetivo do estudo foi

analisar as fases, os elementos e as dimensões constituintes do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas da ginástica rítmica brasileira de alto rendimento, considerando diferentes níveis competitivos (nacional, internacional e olímpico), categorias de atuação (individual e conjunto) e gerações (Geração 1 – ginastas precursoras que competiram até 1989, Geração 2 – ginastas que competiram de 1990 a 2008 e Geração 3 – ginastas que competiram de 2008 a 2021).

Tais informações permitirão melhor compreender o impacto dessas características esportivas no desenvolvimento e rendimento atlético, bem como auxiliar atletas e profissionais que atuam com a modalidade a montar melhor periodização de treinamento e plano de carreira mediante os objetivos individuais e de conjunto e, ainda, elucidar o entendimento da diminuição de ginastas mais velhas em campeonatos nacionais e internacionais.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

1.1.2 Objetivos específicos

Investigar as fases, os elementos e as dimensões constituintes do processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Analisar o processo identitário atlético em ginastas/ex-ginastas brasileiras de diferentes gerações da ginástica rítmica.

Analisar o processo identitário atlético em ginastas e ex-ginastas brasileiras de diferentes níveis competitivos da ginástica rítmica (nacional, internacional e olímpico).

Analisar o processo identitário atlético de atletas que competem individualmente e em conjunto na ginástica rítmica brasileira de altorendimento.

1.2 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Identidade atlética: grau em que um indivíduo se identifica com o papel de atleta (BREWER et al, 1993).

Processo identitário: produto dinâmico da interação das capacidades da pessoa pela memória, consciência e construção organizada (BREAKWELL, 2015).

Processo identitário atlético: sequência contínua de ação e formação de identidade dentro do esporte.

Geração 1: Ginastas precursoras, que competiram até 1989;

Geração 2: Ginastas que competiram de 1990 a 2008;

Geração 3: Ginastas que competiram de 2009 a 2021.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo delimitou-se a entrevistar atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica de alto rendimento, com maior inserção e representatividade na modalidade, com idade a partir de 18 anos, participantes de competições nacionais (Campeonatos brasileiros de individual e Ilona Peuker, direcionado a conjuntos), internacionais (Sul-americanos, Pan-americanos e Mundiais) e Jogos Olímpicos em 3 gerações diferentes (Geração 1 – Precursoras, Geração 2 – 1990 a 2008 e Geração 3 –2009 a 2021).

Investigar o processo identitário atlético de atletas da ginástica rítmica brasileira em diferentes níveis competitivos poderá trazer importantes contributos para a compreensão de fatores que podem impactar o plano de carreira de novas atletas e, conseqüentemente, em aspectos como formação, desempenho, permanência no esporte e transição para equipes adultas e seleções.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Identidade e Identidade Atlética

A identidade é formada na interação entre o “eu e a sociedade” (HALL, 2011). O “eu” é visto como uma união de elementos que constitui a identidade de uma pessoa (MEAD, 1934), sendo esta considerada uma propriedade do acontecimento-apropriação (HEIDEGGER, 2018). No acontecimento-apropriação o que vibra é a essência daquilo que a linguagem fala, a linguagem que certa vez designamos como a casa do ser.

A identidade tem sido vista e revista por diversos autores, levando a diferentes definições para o entendimento desse construto. Tendo em conta o ser quanto ao seu próprio olhar e o olhar da sociedade sobre o ser, a identidade passa a ser definida pela sua função e sua impressão. Algumas dessas definições são destacadas a seguir.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2011). Somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (MERCER, 1990). Nesse sentido, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Como resultado de uma construção e desconstrução do ser, a identidade é objeto de estudo constante e mutante. O que um dia foi poderá seguir sendo, também poderá tomar um novo rumo. Mudando de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida, tornando-se, inclusive, politizada (HALL, 2011).

A política de identidade fala da linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas, muitos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de se inventar e reinventar a sua própria história, não sendo vista como uma coisa imutável, mas como algo em progresso, como um processo (BAUMAN, 2005).

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades e culturas, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2011). Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, de modo que o

sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas (HALL, 2011).

A identidade, então, surge não tanto da plenitude de identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas pelas quais nos imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2011). Assim, as “identidades flutuam no ar”, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas por pessoas em nossa volta, sendo preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2005).

O anseio pela identidade vem do desejo de segurança, sendo ele próprio um sentimento ambíguo, pois a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e fragmentação, uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida de ser devorado (BAUMAN, 2005). O indivíduo assume uma identidade num momento, mas muitas outras ainda não testadas estão na esquina esperando que ele a escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida, de modo que a pessoa nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação. Assim, a identidade pode ser um caminho para emancipação, mas também uma forma de opressão (BAUMAN, 2005).

Se a identidade nos define, ela também poderá nos colocar em caixas, rótulos, “tribos” ou grupos. A pessoa que se define, ou seja, que define sua identidade escolhe como a externalizar para a sociedade, assim demonstrando no seu comportamento e suas ações. Ao longo desse processo de socialização, uma pessoa interage com agentes, contextos, atividades, sentimentos e experiências diversas que constroem afetos e desafetos, até o ponto de poder criar uma identidade, que no esporte leva ao que denominamos de identidade atlética (PEIRÓ-VELERTE et al, 2015).

A identidade atlética é, assim, uma característica psicossocial chave para a compreensão do comportamento, das atitudes e dos interesses esportivos de pessoas e grupos humanos (MACÍAS; MOYA, 2002). Sendo definida como o grau em que um indivíduo se identifica com o papel de atleta (BREWER et al, 1993), envolve uma completa e rápida transformação física e mental, que exige grande esforço e dedicação do participante.

2.2 Teoria do processo identitário

A teoria do processo identitário é uma teoria da identidade individual, que está preocupada com a análise holística da identidade da pessoa (BREAKWELL, 2015). É uma tentativa de descrever o complexo e dinâmico processo da personalidade que incorpora o pessoal e o social – o self consciente, ativo e subjetivo e o self conhecido, objetivado (BREAKWELL, 2015). A partir dessa abordagem teórica, a identidade passa a ser compreendida como um produto dinâmico da interação das capacidades da pessoa pela memória, consciência e construção organizada – capacidades que constituem o ser humano como um organismo biológico, com as estruturas físicas e sociais, que influenciam processos (incluindo representações sociais) que constituem o contexto social (BREAKWELL, 2015).

O processo identitário engloba elementos que derivam de todos os aspectos da vida da pessoa – categoria social, relações interpessoais, representação social, exposição representacional e aprendizagem vicária (BREAKWELL, 2015) e que apresentam uma relação direta e de grande influência entre todos.

A categoria social diz respeito ao grupo ao qual fazemos parte, pessoas que nos identificamos e que seguem pensamentos e se expressam de forma similar. Dentro das categorias ocorrem as relações interpessoais, que são as trocas realizadas entre as pessoas. O relacionamento entre duas ou mais pessoas que podem acontecer em diversos contextos. A questão dos relacionamentos interpessoais, e de sua inerente dimensão emocional, é crucial para a vida associada, pois são esses processos interativos que formam o conjunto de sistemas que a organizam (LEITÃO et al, 2006).

As representações sociais são resultantes das interações que acontecem em sociedade, ressaltando o que há em comum em um grupo de indivíduos. As representações sociais, sendo produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, são necessariamente estruturas dinâmicas (SPINK, 1993). A exposição representacional se refere a como nos comportamos socialmente, a forma como nos expomos ao grande grupo. A importância de compreender como as pessoas se expõem fala sobre comportamento, estética, exposição dos pensamentos e gostos. A aprendizagem vicária relaciona-se com a observação e imitação de comportamentos, que na teoria da aprendizagem social de Bandura (1977), se baseia na ideia de que aprendemos com nossas interações com outras pessoas em um contexto social.

A teoria do processo identitário apresenta duas dimensões que compõem as propriedades estruturais do modelo, sendo elas: conteúdo e valor.

A dimensão do conteúdo consiste nas características que definem a identidade: os elementos que, tomados como constelação, marcam o indivíduo como único (BREAKWELL, 2015). Cada elemento na configuração de conteúdo tem um valor anexado a ele. Tomados em conjunto, esses valores constituem a dimensão do valor de identidade.

A dimensão do valor da identidade está constantemente sujeita à revisão, não apenas porque a própria configuração de conteúdo da identidade muda, mas porque o valor de cada elemento pode ser reavaliado como consequência de mudanças nos sistemas de valores sociais e modificações na posição do indivíduo em relação a tais sistemas. Adicionalmente, o valor de um elemento pode ser alterado indiretamente, como consequência de revisões no valor de outros na configuração de conteúdo (BREAKWELL, 2015).

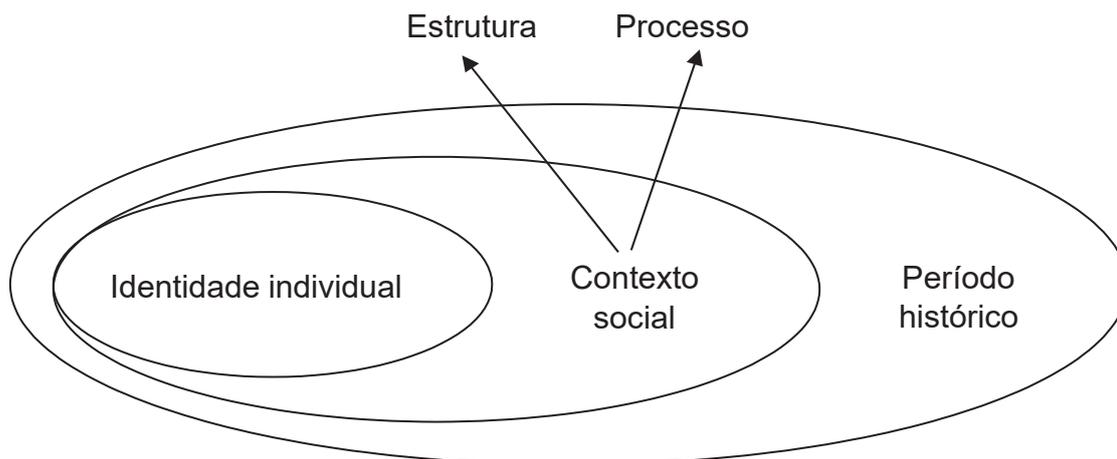
A teoria do processo identitário descreve as relações entre os elementos ao propor que a organização da dimensão do conteúdo da identidade pode ser caracterizada em termos de: (1) arranjo hierárquico de elementos – maneiras pelas quais eles estão conectados; (2) saliência relativa dos elementos – importância de cada um na avaliação geral de identidade; e (3) grau de centralidade de cada elemento – extensão para que um elemento tem outros dependentes dele (BREAKWELL, 2015).

A estrutura geral da identidade é, assim, regulada pelos processos de assimilação-acomodação e avaliação. A assimilação e a acomodação são dois componentes do mesmo processo, porém enquanto a assimilação se refere à absorção de novos componentes, a acomodação, levando em conta a configuração de conteúdo de identidade, se refere ao ajuste que ocorre a fim de localizar novos elementos. O processo de avaliação, por sua vez, envolve a construção de significado e o valor para elementos de identidade, novos e antigos, funcionando não apenas para agregar um valor a um determinado elemento, mas também para estabelecer o valor da configuração de conteúdo da identidade como um todo (BREAKWELL, 2015).

A acomodação da identidade é um processo de mudança de identidade em resposta as experiências (SNEED; WHITBOURNE, 2003). O processo de assimilação-acomodação e o processo de avaliação interagem para determinar a alteração da configuração de conteúdo e o valor de identidade ao longo do tempo, com mudanças nos padrões de assimilação-acomodação exigindo mudanças na avaliação de forma recursiva (BREAKWELL, 2015).

A Figura 1 representa a teoria do processo identitário, onde a identidade individual é criada e as estruturas físicas e sociais influenciam processos que constituem o contexto social, além de fazer parte de um período histórico específico. A partir dessa estruturação da teoria, percebe-se a necessidade de imersão no estudo do processo identitário atlético da ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Figura 1 – Teoria do processo identitário em sua estrutura

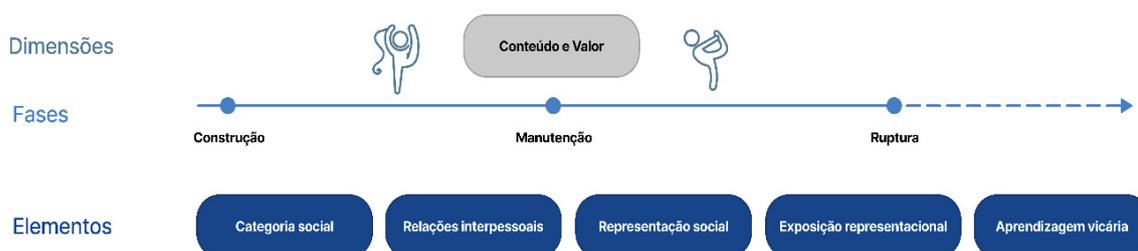


Fonte: A autora

2.3 Processo identitário atlético

Se apropriar da teoria do processo identitário e associar o esporte à psicologia social resulta na integração de diversos fatores. Para que se possa adentrar e incluir o termo “atlético” é necessário imergir na psicologia do esporte e compreender fenômenos esportivos para poder diferenciar os atletas e seu ambiente de performance.

FIGURA 2 – Representação da Teoria do processo identitário (BREAKWELL, 2015)



Fonte: Adaptação da Autora

O processo identitário atlético é a junção da teoria do processo identitário com o construto identidade atlética. Devemos considerar que quando falamos de processo falamos de algo dinâmico e ativo, o que prontamente se interliga à identidade, que ao longo dos anos, passa por transformações e mudanças.

A identidade atlética tem sido pesquisada e compreendida por diversos pesquisadores da psicologia do esporte desde os anos 90, referindo-se à exclusividade e força com que as pessoas se identificam com seu papel como atleta (BREWER et al., 1993). No alto rendimento, os atletas necessitam lidar com diferentes facetas de suas identidades, que podem influenciar no seu rendimento esportivo.

Segundo Benson (2015) para participantes de esportes competitivos, o conceito de identidade atlética é uma construção altamente valorizada e saliente. Compreender o percurso da identidade atlética é estabelecer uma noção temporal na carreira de um atleta.

Desde o conhecimento da modalidade, até o ingresso no meio, se reconhecer atleta necessita de tempo em vivências corporais e sociais. A construção de uma identidade atlética pede identificação com o papel de atleta, aceitar e cultivar as vivências no meio esportivo e se reconhecer atleta. O reconhecimento de uma nova faceta na identidade requer aceitação, identificação e senso de pertencimento.

Para um atleta manter a carreira esportiva em curso, a identidade atlética pedirá manutenção por meio de ferramentas, atualizações dos códigos e relações interpessoais. As trocas no ambiente esportivo facilitam a atualização das normas, a aprendizagem vicária auxilia na visualização dos comportamentos dos pares, e estar bem inserido em sua categoria social reforça o senso de pertencimento. De tempo em tempo, o atleta revisa seus valores e crenças o que fará que sua atuação no meio esportivo também mude com o passar dos anos. Se transformar na carreira esportiva é seguir o curso da vida, evoluir em cada categoria da modalidade e estar conectado ao contexto histórico e suas mudanças.

Em certo momento, alguns atletas não vêem mais sentido no que estão praticando, seja por falta de identificação, por interesse em outras áreas, saturação ou conversa com o próprio corpo, que mostra as lesões. O fim da carreira esportiva necessita de um motivo muito forte para a ruptura da identidade atlética e pode ser um período bem estressante mediante tantas mudanças na transição das novas atividades diárias. Diante de sua própria visão sobre como se definirá perante a sociedade poderá surgir dilemas de grande

profundidade.

Essas mudanças podem afetar a aposentadoria dos atletas, que correm maior risco de desenvolverem transtornos psiquiátricos (Yang et al, 2007). Continuar envolvida com o esporte é uma das possibilidades apontadas por Brandão et al. (2000) no momento de transição, quando o atleta, realmente, faz a opção por deixar de treinar e seguir outro caminho profissional. De acordo com os autores, esta escolha pode auxiliar na adaptação do novo estilo de vida, em que o esporte deixaria de ocupar o espaço central e se tornar memória, porém atuando como técnico, gestor ou dirigente, isso pode ser amenizado.

Um ponto muito trabalhado no mundo esportivo é a preparação. Todos se preparam para competir, porém quase nenhum atleta se prepara ou é preparado para parar. Aposentar-se de algo que se praticou por tantos anos também exige preparação psicológica. Nesse sentido, a psicologia do esporte tem o papel de cuidar dos atletas, dando-lhes suporte e acolhimento para que essas transições sejam mais harmoniosas e resultem em menos problemas na finalização/transição de carreira.

2.4 Ginástica Rítmica e sua própria identidade

A modalidade Ginástica Rítmica nasceu em meados do século XX, na Europa Central, e recebeu muitas contribuições para o seu desenvolvimento, por meio da influência dos mestres, de pelo menos quatro correntes: dança, artes, arte cênica, música e pedagogia (GAIO, 2007). A partir de um movimento renovador ginástico, que se processou em fases de atenuada revolução, esse movimento acolhera significativos subsídios das ideias de diversos estudiosos especialistas, que estavam presentes nas diferentes áreas do conhecimento humano e no crescimento dos movimentos artísticos (PEUKER, 1973). A ginástica rítmica faz parte, portanto, da reformulação dos sistemas de exercícios da ginástica, fundamentada na teoria do movimento natural do corpo, proposta pelo filósofo Jean Jacques Rousseau 1712-1778 (ALONSO, 2011, p.25).

Após 25 anos sem mudança de nomenclatura, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) denomina, em 2000, a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) de Ginástica Rítmica (GR). Um dos possíveis fatores que contribuíram para essa mudança é que na entrada no século XXI não havia a necessidade da classificação desportiva, uma vez que a prática de GR (especificamente com esta denominação) no ambiente da academia não mais existia, não havendo, portanto, uma possível confusão terminológica (PAOLIELLO, 2010).

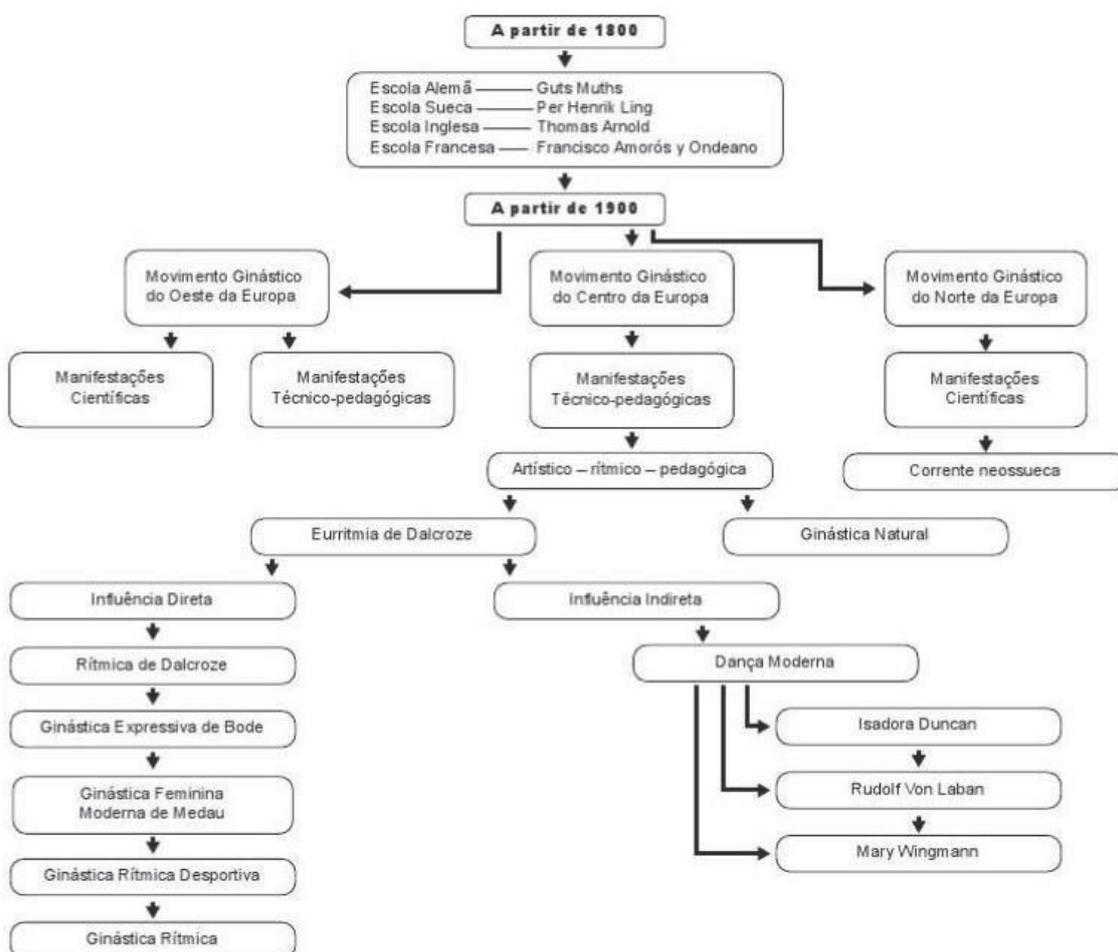
A Ginástica Moderna não era um sistema ou método de ginástica feminina, mas o resultado de um movimento renovador, cujos primeiros sinais se manifestaram na época do renascimento, quando se processaram reações, em todos os setores, contra a opressão e as limitações impostas ao espírito (MARINHO, 1956). De uma forma geral, abrange a totalidade da mulher mesclando a sutileza de um movimento advindo do ballet com a força de um movimento com a essência da Ginástica Artística. Admirada e considerada a mídia significativa da comunicação expressiva dos desportos femininos, a GR utiliza a linguagem corporal como um dos meios, em que os gestos gímnicos e artísticos integrados descrevem a linguagem e o movimento através de seu veículo de interpretações que é o corpo (BARROS *et al.*, 1999).

Como esporte olímpico exclusivamente feminino, a GR explora fortemente a graciosidade da ginasta, buscando na sua expressão corporal e facial os traços da mulher na sua essência, sempre levando em conta a música, seu ritmo e sua característica. A GR pode, assim, ser definida como uma relação de harmonia entre o corpo em movimento, os aparelhos utilizados, o espaço em si e o ritmo da música, que irá conduzir a expressão corporal e facial da ginasta dando o seu enlace à coreografia.

Crause (1986) define a GR como uma arte dinâmica, criativa, orgânica com movimentos de características próprias, diferentes de outras escolas de expressão corporal. Sua beleza plástica, graça e elegância, formam um conjunto harmonioso de movimento e ritmo.

A GR foi considerada como desporto olímpico quando o Comitê Olímpico Internacional (COI) a inseriu nas programações dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984 (ALONSO, 2011, p.26). A origem da Ginástica rítmica, desde o ano de 1800, é apresentada na Figura 2, seguindo o fluxograma proposto por Navarro (2005).

Figura 3 – Fluxograma representativo da origem da GR



Fonte: Navarro (2005)

Percebe-se que a ginástica rítmica é o resultado de diferentes escolas e evoluções. Diversas pessoas influenciaram o desenvolvimento e criação da modalidade até o momento em que se encontra. Das escolas aos diferentes movimentos ginásticos da Europa, das correntes aos nomes que marcaram a mudança de pensamento e movimento. A ginástica rítmica como esporte se constrói e desconstrói conforme os ciclos vão se passando.

Avaliar como a ginástica rítmica chegou ao Brasil é olhar para a própria história e compreender traços identitários da modalidade.

2.4.1 Surgimento da ginástica rítmica brasileira

Para melhor compreensão da ginástica rítmica brasileira é importante olhar para seu histórico e evolução, destacar pontos e nomes de mulheres que honraram e alavancaram o esporte, seguindo uma linha do tempo que trouxe a

ginástica rítmica até o presente momento.

A Ginástica Rítmica Desportiva, desporto essencialmente feminino, foi introduzido no Brasil na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro, que durante muitos anos liderou esta modalidade desportiva na América do Sul (BARROS *et al*, 1999).

A chegada ao Brasil deu-se por intermédio da professora austríaca Margareth Frohlich, que veio ministrar aulas de Ginástica Feminina Moderna no III Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico, promovido pelo Estado de São Paulo, tendo como assistente a professora Erica Sauer, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NATIVIDADE, 2010).

No ano de 1953, também chegou ao nosso País a húngara Ilona Peuker, que fundou o Grupo Unido de Ginastas (GUG) no estado do Rio de Janeiro, onde morou. O GUG realizava apresentações por diversos estados do país com o intuito de divulgar ainda mais a modalidade, sendo o grupo formado por suas melhores alunas de Ginástica Feminina Moderna da época (MARCONATO, 2004, p.33).

Ilona Peuker, artista, criadora, mestra, professora e técnica de GR, nascida em Budapeste, Hungria, em 29 de julho de 1915 e que veio a falecer no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 13 de fevereiro de 1995, fundou a primeira equipe brasileira de Ginástica Rítmica – o Grupo Unido de Ginastas (GUG) em 1956, e realizou os primeiros campeonatos da modalidade no Rio de Janeiro e no Brasil. Ilona realizou estudos sobre a teoria da ginástica, publicando posteriormente livros sobre o assunto: *Ginástica com Aparelhos e Ginástica sem aparelhos* (NATIVIDADE, 2010).

Sua trajetória profissional foi determinada por seu amor ao movimento e à expressão artística. Suas alunas tiveram o privilégio de dividir com ela o mágico momento da criação de suas coreografias. Dona Ilona foi antes de tudo uma arquiteta do movimento. Ilona Peuker relata em seu livro.

“Com o firme propósito de dar fim à minha carreira, aterrissei no Brasil. Minha depressão era demasiadamente grande para fazer novos planos. As lembranças dos grandes, se bem que duramente conquistados sucessos, ainda estavam próximas demais [...] Eu queria paz e não ouvir mais nada sobre ginástica. Porém, tudo veio diferente do que esperava. Após algumas semanas de estada no Brasil, já estava novamente metida na minha profissão. Pelo MEC foi organizado um curso do qual tomariam parte professoras de Educação Física de todos os estados” (PEUKER, 1968, p.15).

Ilona Peuker relata, ainda:

“Na realidade não era de se invejar, dar aulas de manhã e à tarde, em um calor escaldante, e ainda por cima o meu total desconhecimento da língua portuguesa. Apesar de todas estas dificuldades, o trabalho me interessou. Era uma coisa totalmente nova e emocionante para mim. Eu chegava a uma terra nova, virgem em questão de ginástica, ainda não estragada, onde não se falava de uma mudança de escola, mas sim da introdução da Ginástica Moderna. Eu simpatizei logo com o modo de ser das pessoas. O seu ânimo, o seu interesse e não menos a sua gentileza, que demonstravam durante o trabalho, muito me agradava.” (PEUKER, 1968, p. 15).

O processo de difusão da Ginástica Moderna no Brasil, é dividido em três fases (PEUKER, 1968): 1. Despertar o interesse; 2. Implantar; 3. Difundir. Fases executadas por meio da divulgação, cursos e apresentações pelo país, para então selecionar ginastas e criar um grupo de ajudantes.

O grande interesse pela Ginástica Moderna começou a surgir no antigo Estado da Guanabara, sendo desenvolvido um trabalho na área estudantil com a sua efetiva inclusão nos currículos de 1º e 2º graus, onde um grande número de professoras especializadas e ex-praticantes da atividade conseguiu desenvolver um trabalho que parece ter tido nesse momento seu apogeu, percebendo-se com distinção a evolução de dois aspectos importantes: educativo e competitivo (CRAUSE, 1985, p.05).

Daisy Barros foi aluna de Ilona que mais se destacou, em 1967, Daisy participou representando o Brasil no III Campeonato Mundial de Ginástica, na categoria individual realizado em Copenhagem na Dinamarca (GARCIA; MARCONATO, 2005). Foi em 1973, porém, que o Brasil participou pela primeira vez do Campeonato Mundial de Ginástica, participando da categoria conjunto, onde Daisy era uma das integrantes e a técnica era Ilona Peuker.

No ano de 1968, a Federação Metropolitana de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro, hoje Federação do Estado do Rio de Janeiro (FGERJ), agregou a Ginástica Moderna, sendo a primeira Federação estadual brasileira a ter a GR em suas modalidades, começando assim a organizar competições. Em 1969, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Departamento de Educação Física e Cultura (DED) incluiu a competição na Ginástica Feminina Moderna dentro dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs). O primeiro JEBs foi realizado em Niterói no estado do Rio de Janeiro, tendo como campeã o estado do Rio de Janeiro (NATIVIDADE, 2010).

O Grupo Unido das Ginastas (GUG) organizou com o auxílio da Federação Carioca de Ginástica e SEED/MEC, o I Festival Internacional de

Ginástica Moderna, na cidade do Rio de Janeiro em 1970, esse festival marcou o início dos eventos internacionais de GR no Brasil. Contudo o primeiro campeonato brasileiro da modalidade realizou-se no ano seguinte em 1971, motivado pelo desenvolvimento GR, sendo organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o campeonato realizou-se no Rio de Janeiro (ALONSO; INGEBORGE, 2006).

Em 1973, o Brasil iniciou a sua participação internacional também nas provas de conjunto, no VI Campeonato Mundial, realizado em Roterdã – Holanda, representado pelo GUG (Macias, 2011) e, alguns anos após, em 1980, pela primeira vez o Brasil realiza uma competição oficial da FIG, o II Campeonato 4 continentes da Ginástica Rítmica desportiva e em 1984 a ginasta Rosane Favila participa dos Jogos Olímpicos de Los Angeles no individual (CBG, 2020).

Era quinta-feira, 9 de agosto de 1984. No domingo, haveria a cerimônia de encerramento dos Jogos, no Los Angeles Memorial Coliseum. A maior parte dos atletas brasileiros já havia competido e deixado a Califórnia, mas restaram alguns poucos, e parte remanescente do contingente estava ali, misturada a um punhado de torcedores de verde-amarelo, na arquibancada da UCLA. “Quando cheguei mais perto da área de competição, ouvi um grito de ‘Brasil!’, um outro gritou ‘Rosane!’. Na hora pensei: ‘Rosane, essa sou eu’. Lembrei que havia treinado muito, muito para estar lá. Havia passado por muita coisa para chegar àquele lugar. A série foi voltando à minha cabeça. Fui lá e competi, fiz o meu melhor. Fiquei satisfeita. Aquele momento era histórico não só pra mim, mas para a Ginástica Rítmica do Brasil, e eu sabia muito bem disso”, diz a tijuicana, 24^a colocada ao final, com a nota 35,65 (CBG, 2020).

Em 1989, Marta Cristina Schohurst participou do Campeonato Mundial na Iugoslávia e no ano seguinte, conquistou a vaga individual para os Jogos Olímpicos de Barcelona, disputados em 1992, competição na qual conquistou a 41^o posição dentre as 43 atletas participantes (BENDER E GOELLNER, 2019).

Quando o nome de Natália Gaudio foi anunciado no telão, como a próxima ginasta a se apresentar nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, o público foi ao delírio. Nas classificatórias do individual da ginástica rítmica, a brasileira empolgou as arquibancadas. A cada movimento correto, a cada arremesso dos aparelhos, Gaudio era ovacionada. No entanto, ela não conseguiu ficar entre as dez primeiras que disputam a final. Com 65.532 pontos, a ginasta terminou a fase classificatória na 23^a posição num total de 26 atletas.

O histórico de participações das atletas brasileiras de ginástica rítmica nos Jogos Olímpicos nas provas de individual se apresentam na linha do tempo disposta na Figuras 4. Observamos as atletas que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), Barcelona (1992) e Rio de Janeiro (2016), no individual. As 3 atletas são do RJ, RS e ES, respectivamente, todas treinavam em suas cidades.

Figura 4 – Breve histórico da ginástica rítmica nos Jogos Olímpicos, no individual



Fonte: A autora (2022)

O padrão encontrado entre as três atletas que participaram dos Jogos Olímpicos na prova de individual é que todas são brancas, de famílias de classe média e estudaram em escolas particulares, porém cada uma viveu em diferente contexto histórico mundial e nacional, principalmente vindo de diferentes estados. Participar da ginástica rítmica exige grande investimento das famílias em relação à mensalidade do clube, collants, aparelhos e taxa de inscrições em eventos, além dos transportes em campeonatos, hospedagem e gastos com alimentação.

Em relação ao conjunto, os clubes e a seleção brasileira necessitam organizar o coletivo, unir 5 ginastas e prepará-las para as competições equilibrando diferentes demandas, corpos e pensamentos. No conjunto, o caráter típico é a participação de cada uma das ginastas no trabalho homogêneo do grupo nas relações e colaborações (LOURENÇO, 2015). O trabalho com conjuntos é extremamente exigente, necessitando por isso de um grande volume de treino, para a aquisição de automatismos na realização dos exercícios, e para a execução ser próxima da perfeição técnica (MONTEIRO, 2000).

A seleção brasileira de ginástica rítmica de conjunto iniciou em Londrina – PR, sendo comandada pela treinadora Barbara Laffranchi da equipe UNOPAR, a seleção era composta por atletas da equipe que participavam e venciam os campeonatos brasileiros, em 2005 passou a ser em Vila Velha – ES, sendo comandada pela treinadora Monika Queiros e em 2010 se transferiu para Aracaju – SE, onde teve a curta passagem da treinadora búlgara Giurga Nedialkova que se desligou no mesmo ano e Camila Ferezin que segue comandando até o presente momento.

FIGURA 5 – Treinadoras da seleção brasileira de ginástica rítmica

| | Treinadora | Período na seleção | Ciclo |
|----|------------------------------|---------------------------|--------------|
| T1 | Bárbara Elisabeth Laffranchi | 1995 a 2004 | 1 e 2 |
| T2 | Monika Mello Queiroz | 2005 a 2009 | 3 e 4 |
| T3 | Giurga Takova Nedialkova | 2010 | 4 |
| T4 | Camila Ferezin | 2010 a 2012 | 4 |

Fonte: Lourenço (2015)

Nos Jogos Olímpicos de 2000, realizados em Sydney, o Brasil obteve o melhor resultado alcançado numa olimpíada. As ginastas brasileiras competiram no conjunto de arco e fita e no conjunto de maçãs, conquistando o oitavo lugar e, com isso, pela primeira vez, o Brasil se classificou para uma final. Nos Jogos Olímpicos da Grécia, realizados em 2004, a seleção brasileira de ginástica rítmica repetiu o feito, conquistando o oitavo lugar, considerado uma excelente e notória classificação, apesar de a equipe ter se dedicado para melhorar e tentar ficar com a quinta colocação (SAROA, 2005).

No ciclo seguinte, a seleção brasileira de conjunto participou dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008 no conjunto de cordas e no conjunto de maçãs e arco, obtendo a 12^a colocação, porém após esse evento quase todas as atletas desse ciclo se aposentaram, o que pode ter impactado na tentativa falha de classificação para os Jogos Olímpicos de Londres em 2012 que o país não se classificou na ginástica rítmica.

No ano de 2016 a seleção brasileira de ginástica rítmica participou na prova de conjuntos, além da participação da atleta Natália Gaudio no individual. As atletas do conjunto ficaram em 9º lugar com os conjuntos de maçãs e arcos e cinco fitas. A seleção brasileira de ginástica rítmica cometeu alguns erros neste e acabou não conseguindo se classificar para a final da modalidade na Rio-2016.

As duas apresentações levantaram o público na Arena Olímpica do Rio, mas deixaram o Brasil com 32,649 pontos na nona posição, uma abaixo da disputa por medalhas (UOL, 2016).

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021 a seleção brasileira de ginástica rítmica se ficou em 12º lugar, competindo no conjunto de cinco bolas e conjunto de arco e maçãs, fizeram suas duas apresentações na fase classificatória e atingiram 73.250. Na primeira apresentação, com cinco bolas, as meninas somaram 35.450 pontos e cometeram um erro, com a queda de um dos aparelhos. Na segunda rodada, elas se apresentaram com três arcos e duas maçãs.

Na Figura 6, observamos as atletas que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos de Sidney (2000), Atenas (2004), Pequim (2008), Rio de Janeiro (2016) e Tóquio (2021), no conjunto. As atletas são do RS, SC, PR, SP,RJ, ES, DF, BA, AL, SE e PA. Ao longo dos anos, a seleção brasileira de conjuntos passou por diversas mudanças de espaço, treinadoras e composição de equipe.

Figura 6 – Breve histórico da ginástica rítmica nos Jogos Olímpicos no conjunto



A ginástica rítmica brasileira de alto rendimento vem se transformando a cada ciclo, são ginastas de diversos estados que passaram e passam pelas seleções de individual e conjunto. As provas exigem treinamentos e preparações diferenciadas, uma foca na potência individual, se superando em seus próprios limites, e outra exige organização grupal, muitas trocas entre as integrantes e constante remodelação do grupo. O País contou com quatro diferentes treinadoras ao longo dos anos, são mulheres qualificadas que estudaram e viveram a modalidade por muitos anos, cada uma obteve classificações e estilos de treinamentos diferenciados, logo, os resultados refletiram também essas mudanças.

Para seguir evoluindo, a modalidade necessita de avaliação constante do estilo de liderança, das metas e objetivos propostos e entender o contexto histórico mundial que se encontra.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo, de caráter qualitativo, pode ser classificado como um estudo descritivo-exploratório. A pesquisa qualitativa é definida como uma técnica de pesquisa não-estruturada, exploratória, baseada em pequenas amostras, que proporcionam *insights* e compreensão do contexto do problema que está sendo estudado (MALHOTRA, 2001). Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar a sua experiência acerca de um determinado problema, aprofundando o seu estudo sobre uma realidade específica (POZZEBOM; FREITAS, 1998).

3.2 PARTICIPANTES

Participaram do estudo atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica de alto rendimento que atendessem aos seguintes critérios de seleção: (1) atletas do sexo feminino, visto que a modalidade olímpica é exclusivamente feminina; (2) atletas que treinam/treinaram e competem/competiram em campeonatos nacionais (Campeonato Brasileiro de Individual e Ilona Peuker, direcionado a conjuntos), internacionais (Campeonatos Sul-americanos, Pan-americanos e Mundiais) e jogos olímpicos.

Para o levantamento das possíveis participantes do estudo foi realizada consulta à base de dados da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), disponível em site oficial (<https://www.cbginastica.com.br/ginastica-ritmica>), encontrando-se 123 atletas. No nível nacional, encontraram-se 69 atletas, no nível internacional, 24 atletas e no nível olímpico, 30 atletas. A partir do número total de atletas em cada nível competitivo, foram selecionadas, intencionalmente, o que se considerou serem os casos de maior imersão e representatividade (considerando trajetória, carreira atlética e idade) na modalidade e campeonatos, a fim de contemplar casos ricos em informações para atender aos objetivos propostos (PATTON, 1990).

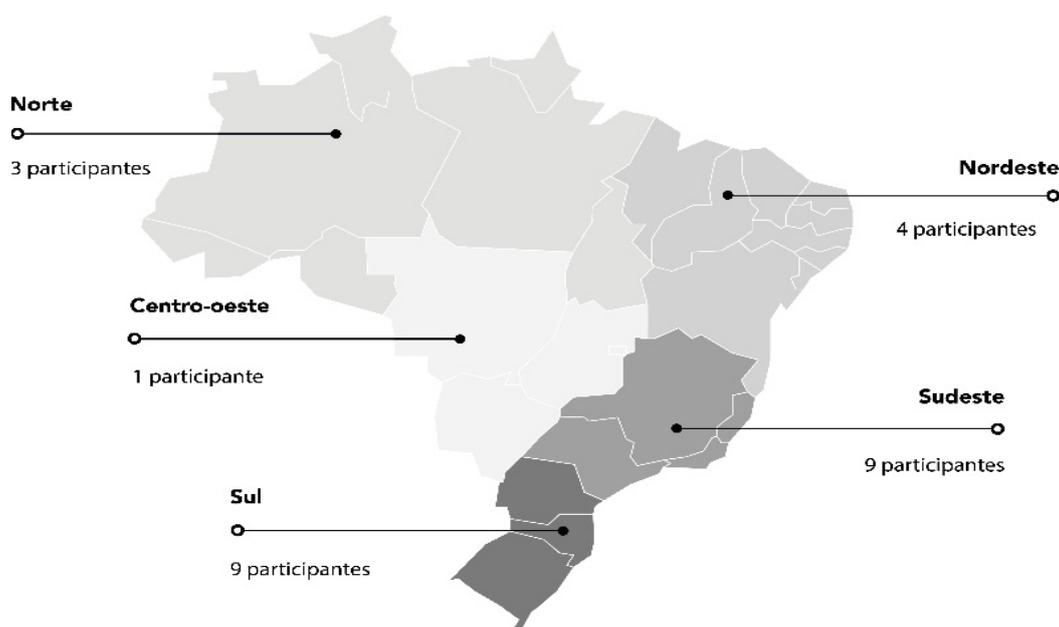
Assim, para cada estado brasileiro, foi selecionada uma ginasta, sendo esta o caso de maior imersão e representatividade na modalidade - a atleta que participou do maior número de competições e carreira esportiva mais longa dentre as participantes. Tais características são consideradas fundamentais para a compreensão do processo identitário atlético, na medida em que permite

compreender a idade média de iniciação e idade média de transição de carreira, tempo de treinamento na modalidade e conseqüentemente tempo de formação de identidade atlética.

Ainda, para cada nível atlético (nacional, internacional e olímpico) foi selecionada uma atleta de cada estado, de acordo com as subclassificações: (1) Geração 1 – atletas precursoras, que marcaram o início da história da ginástica rítmica do Brasil e que participaram de competições nos respectivos níveis atléticos entre 1980 e 1990; (2) Geração 2 – atletas que participaram de competições nos respectivos níveis atléticos entre os anos 1998 e 2008; e (3) Geração 3 – atletas que participaram de competições nos respectivos níveis atléticos entre os anos de 2009 e 2021.

A partir dos critérios estabelecidos, 32 atletas foram convidadas para participarem do estudo. Aceitaram participar dessa etapa da pesquisa 23 ex-atletas e três atletas de regiões distintas do País, com objetivo de maior representatividade das regiões brasileiras, totalizando 26 participantes. Foram contempladas as regiões sul, sudeste, nordeste, norte e o Distrito Federal. Duas atletas nacionais não tiveram disponibilidade para participar mediante preparação para campeonato, duas atletas internacionais e quatro ex-atletas olímpicas não responderam ao convite, portanto seus estados não foram contemplados nas respectivas gerações e níveis competitivos.

Figura 6 – Distribuição de participantes por região



Fonte: A autora (2022)

O número de atletas por estado, idade, geração (1, 2 e 3) e edição (ano

de participação), em cada nível atlético (nível olímpico, nível internacional, nível nacional) estão descritos, respectivamente, nos Quadros 1, 2 e 3.

Quadro 1 - Atletas de nível olímpico, por estado, idade, geração e edição de participação

| Participante | Estado | Idade | Geração | Edição |
|--------------|--------|-------|---------|-------------|
| P1 | RS | 47 | 1 | 1992 |
| P2 | BA | 36 | 2 | 2008 |
| P3 | SP | 35 | 2 | 2004 e 2008 |
| P4 | SC | 33 | 2 | 2008 |
| P5 | MG | 36 | 2 | 2008 |
| P6 | PA | 32 | 2 | 2008 |
| P7 | ES | 29 | 3 | 2016 |
| P8 | PR | 28 | 3 | 2016 |
| P9 | SC | 28 | 3 | 2016 |
| P10 | ES | 26 | 3 | 2016 |

No nível olímpico, participaram 10 atletas (uma da Geração 1, cinco da Geração 2 e quatro da Geração 3). As ex-atletas tiveram média de idade de 33 anos, sendo contemplados oito estados. Dois estados (Santa Catarina e Espírito Santo) apresentaram ginastas em diferentes gerações, reafirmando a excelência na prática da modalidade. Quatro regiões brasileiras foram representadas: sul, sudeste, nordeste e norte. Somente uma ex atleta participou dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, uma ex atleta participou dos Jogos Olímpicos de Atenas, cinco participaram dos Jogos Olímpicos de Pequim e quatro participaram dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Quadro 2 – Atletas de nível internacional, por estado, idade, geração e edição de participação

| Participante | Estado | Idade | Geração | Edição |
|--------------|--------|-------|---------|-------------|
| P11 | PR | 30 | 2 | 2011 e 2015 |
| P12 | RS | 30 | 2 | 2011 |
| P13 | AM | 28 | 3 | 2011 |
| P14 | ES | 28 | 3 | 2011 |
| P15 | SC | 21 | 3 | 2018 |
| P16 | MG | 21 | 3 | 2019 |

No nível internacional (campeonatos sul-americanos, pan-americanos e mundiais), participaram seis atletas (duas da Geração 2 e quatro da Geração 3). As participantes tinham em média 26 anos e faziam parte das gerações 2 e 3. Foram contemplados seis estados e três regiões brasileiras: sul, sudeste e norte. Quatro ex-atletas participaram dos Jogos Pan-americanos de Guadalajara em 2011, uma dos Jogos Pan-americanos de Toronto em 2015, uma dos Jogos Sul-americanos de Cochabamba 2018 e uma dos Jogos Pan-

americanos de Lima em 2019.

Quadro 3 – Atletas de nível nacional, por estado, idade, geração e edição de participação

| Participante | Estado | Idade | Geração | Edição |
|--------------|--------|-------|---------|--------|
| P17 | SC | 33 | 3 | 2021 |
| P18 | SP | 27 | 3 | 2021 |
| P19 | BA | 27 | 3 | 2010 |
| P20 | ES | 26 | 3 | 2019 |
| P21 | RJ | 25 | 3 | 2021 |
| P22 | DF | 25 | 3 | 2017 |
| P23 | RS | 24 | 3 | 2022 |
| P24 | RO | 22 | 3 | 2019 |
| P25 | SE | 20 | 3 | 2022 |
| P26 | PB | 19 | 3 | 2019 |

No nível nacional, participaram 10 atletas e ex-atletas, todas da Geração 3. As participantes tinham em média 26 anos. Foram contemplados 10 estados brasileiros das regiões sul, sudeste, nordeste, norte e Distrito Federal. As atletas e ex-atletas participaram de Campeonatos Brasileiros de individual e Ilona Peuker (campeonato destinado somente a conjuntos). Das edições mais antigas, pode-se citar 2010, em que somente uma ex-atleta participou. Em 2017 teve uma participação, em 2019 participaram duas ex-atletas e, recentemente, em 2021 e 2022 cinco atletas participaram.

3.3 INSTRUMENTOS

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. A entrevista é constantemente tomada como expediente metodológico fundamental para investigar o ponto de vista dos sujeitos e apreender a experiência do outro (BRITTEN, 2009). Como técnica comum na coleta de dados, o pesquisador adota a entrevista com o intuito de se aproximar de um compilado de informações para ajudar no diagnóstico e/ou na resolução de uma condição de pesquisa, não captadas por meio da busca bibliográfica e da observação (BRITTO JÚNIOR; FERES JÚNIOR, 2011). Assim, trabalha-se com entrevistas quando se acredita que, para compreender certo comportamento social, é preciso considerar o ponto de vista ou a perspectiva dos agentes sociais que o vivenciam, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações.

A entrevista semiestruturada, modelo utilizado neste estudo, tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Está focalizada em um assunto sobre o qual é confeccionado um roteiro com perguntas principais, complementadas por

outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista (MANZINI, 1991). O foco principal é colocado pelo investigador-entrevistador (TRIVIÑOS, 1987), de modo que os questionamentos possam dar frutos a novas hipóteses a partir das respostas dos informantes. Assim, no momento da entrevista, o pesquisador necessita focalizar sua atenção no processo de interação verbal e social, por meio de perguntas que permitam ao pesquisador-entrevistador buscar responder ao objetivo da pesquisa no ato de entrevistar (MANZINI, 2014).

Para a realização da entrevista semiestruturada foi seguido um roteiro de questões que permitissem a organização, a flexibilidade e a ampliação dos questionamentos, na medida em que as informações foram sendo fornecidas pelo entrevistado (FUJISAWA, 2000). O roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos permite melhor planejamento da coleta de informações, além de servir como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante (MANZINI, 2003).

Assim, para a compreensão do processo identitário atlético foram criados pontos de referência que guiaram as entrevistas semiestruturadas, a fim de contemplar as fases, os elementos e as dimensões que compõem o processo identitário atlético.

As fases do processo identitário atlético contemplam as etapas desde a construção da identidade atlética até a transição de carreira. Buscou-se, assim, rememorar com as entrevistadas o primeiro contato com a modalidade, como aconteceu o seu ingresso na ginástica rítmica, a idade e o local de iniciação. Pretendeu-se, compreender como cada atleta trilhou o seu caminho dentro da modalidade se construindo e desconstruindo.

Os elementos que compõem o processo identitário atlético envolveram a categoria social, as relações interpessoais, a representação social, a exposição representacional e a aprendizagem vicária. Com essas informações, pretende-se compreender o grupo ao qual a atleta faz parte, como se deu as relações entre atletas, exemplos e inspirações dentro da modalidade, apresentações ou afirmações de identidade atlética dentro da modalidade/mídias sociais e as técnicas utilizadas pelas atletas para manutenção de aprendizado.

As dimensões constituintes da teoria do processo identitário dizem respeito ao conteúdo e ao valor. O conteúdo se refere às atitudes que marcam a atleta como única. O valor está no processo dinâmico de alteração devido ao constante movimento de mudança das pessoas, que ao reverem suas atitudes alteram seus valores. Investiga-se a preferência das atletas entre individual e conjunto e como cada uma expõe suas escolhas e demonstra suas atitudes.

O Quadro 4 explicita como foram organizados e categorizados os pontos de referência e construção da entrevista.

Quadro 4 – Pontos de referência para entrevista

| | |
|--|---|
| Descoberta da Ginástica Rítmica | <ul style="list-style-type: none"> • Primeiro contato com a modalidade • Teste de entrada • Idade de iniciação • Cidade de iniciação da entrada |
| Construção da Identidade Atlética | <ul style="list-style-type: none"> • Treinos iniciais • Escolha das músicas e montagem das séries • Preparação para o primeiro campeonato • Principais inspirações • Preferência entre individual e conjunto |
| Manutenção da Identidade Atlética | <ul style="list-style-type: none"> • Demonstrações esportivas • Cursos, estágios e clínicas • Mídias sociais |
| Decisão de ruptura | <ul style="list-style-type: none"> • Decisão de saída da modalidade • Transição de identidade e carreira |
| Memórias relacionadas | <ul style="list-style-type: none"> • Principais lembranças |

Fonte: A autora (2022)

Para contemplar os objetivos propostos, a partir dos pontos de referência apresentados no Quadro 4, foram formuladas seis questões para comporem o roteiro das entrevistas semiestruturadas: (1) Como se deu o seu primeiro contato com a GR?; (2) Como aconteceu a sua primeira participação em campeonato?; (3) Qual a sua preferência entre individual e conjunto e como foi essa experiência para você?; (4) O que te motiva/motivou a manter a carreira esportiva ativa?; (5) Quais os motivos que te levaram a parar de treinar e por quê?; e (6) Quais são as memórias mais marcantes da sua carreira?

3.4 PROCEDIMENTOS

No período de 13 dezembro de 2021 a 28 de fevereiro de 2022 foram realizadas entrevistas piloto, com o intuito de adequar as questões formuladas para atendimento dos objetivos, verificar a viabilidade, o tempo de duração das entrevistas e a exequibilidade das questões de pesquisa relacionadas ao processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Participaram do estudo piloto três ex-atletas de ginástica rítmica, provenientes de regiões distintas (nordeste, sudeste e sul). As entrevistas variaram de 26 a 52 minutos com gravação de áudio, transcrição via Transkriptor e revisão da pesquisadora.

Quadro 5 – Dados das participantes das entrevistas piloto

| Participante | Estado | Idade | Geração | Idade de iniciação | Idade de saída |
|--------------|--------|-------|---------|--------------------|----------------|
| P1 | BA | 38 | 3 | 18 | 24 |
| P2 | RJ | 26 | 3 | 8 | 19 |
| P3 | SC | 28 | 3 | 8 | 18 |

As idades das participantes variaram de 26 a 38 anos. Percebemos grande diferença entre o tempo de carreira das ex-atletas, com variação de 6 a 11 anos. As ex-atletas apresentavam diferentes níveis competitivos, tendo participado de campeonatos regionais e nacionais. Uma das participantes teve somente uma experiência com torneio nacional, enquanto as outras duas participaram de campeonatos brasileiros de conjuntos e individual, o que resulta em grande diferenciação de experiência em nível competitivo.

As entrevistas piloto permitiram avaliar se as questões norteadoras atenderiam os objetivos do estudo, sendo necessária a elaboração de uma nova questão voltada ao momento em que a ex-atleta se sentiu ginasta em sua trajetória atlética (Quadro 5).

As questões para as entrevistas foram elaboradas pela pesquisadora e o grupo de estudos LAPPES/UFPR, procuramos contemplar a fundamentação teórica a respeito da teoria do processo identitário: (1) Como se deu o seu primeiro contato com a GR?; (2) Como aconteceu a sua primeira participação em campeonato?; (3) Quando você se sentiu ginasta?; (4) Qual a sua preferência entre individual e conjunto e como foi essa experiência para você?; (5) O que te motivou a manter a carreira esportiva ativa?; (6) Quais os motivos que te levaram/levariam

a parar de treinar e por quê?; e (7) Quais são as memórias mais marcantes da sua carreira?.

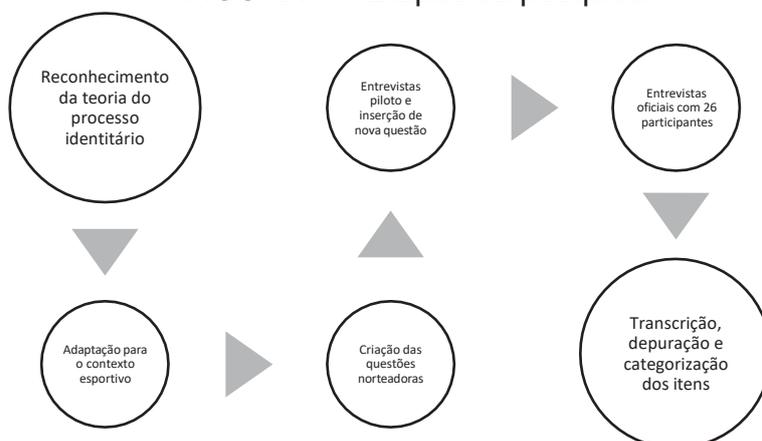
Após a aprovação do comitê de ética, com número de parecer 5.389.506 e CAAE 55541522.3.0000.0102 (Anexo 1), seguiu-se a etapa de coleta de dados. No período de 09 de maio a 07 de agosto de 2022 foram realizadas as entrevistas oficiais, com o objetivo de analisar as fases, os elementos e as dimensões do processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Para a realização das entrevistas, foi feito, primeiramente, o contato com as atletas e ex-atletas selecionadas para o estudo, via email e rede social, a fim de convidá-la a participar da entrevista (Apêndice 2). Neste contato, foram feitos os esclarecimentos quanto à importância da sua colaboração para a pesquisa, aos motivos pelos quais ela foi escolhida e como a entrevista seria realizada. Após o aceite, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 3), com o intuito de formalizar a participação de todas as entrevistadas. As entrevistas foram agendadas e realizadas via Zoom Cloud Meeting – serviço de conferência remota que combina videoconferência, reuniões online e colaboração móvel.

As entrevistas variaram de 25 minutos a 1 hora e 09 minutos, com gravação de áudio e transcrição via Transkriptor.

Os dados foram organizados e analisados no mês posterior, resultando em 26 entrevistas, com sete ex-atletas e três atletas nacionais, seis ex-atletas e atletas internacionais e 10 ex-atletas olímpicas. As gravações e transcrições das entrevistas encontram-se em arquivo digital pessoal da pesquisadora, a fim de manter o sigilo e anonimato das entrevistadas.

FIGURA 7 – Etapas da pesquisa



Fonte: A autora (2022)

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, as entrevistas passaram por três estágios: transcrição, depuração e categorização das informações.

A transcrição pode ser entendida como uma das várias fases da entrevista. A transcrição foi realizada seguindo o discurso das entrevistadas, tal como referido pelas atletas. Para tal, as transcrições foram feitas logo após o término das entrevistas pelo site Transkriptor e revisadas pela pesquisadora, preservando a fala na íntegra de cada participante.

Posteriormente à transcrição das entrevistas, deu-se início à análise de conteúdo dos inquéritos, seguindo-se as diretrizes propostas por Giglione e Matalon (1993). Assim, inicialmente, foram listados todos os indicadores relacionados às fases, aos elementos e às dimensões do processo identitário atlético, procurando-se não excluir ou agrupar nenhum indicador, para que todos fossem contemplados tal como as atletas os tinham expressado (Apêndice 5).

Após este procedimento, foi realizada a depuração da lista obtida, procurando-se agrupar os dados individuais de forma orientada para os objetivos propostos, juntando-se num único indicador, aqueles que apresentassem significados comuns (proposições idênticas e/ou contendo o mesmo complemento), conforme sugerem Ghiglione e Matalon (1993). Assim, como exemplo, a partir do que os diferentes entrevistados mencionaram, agrupou-se, num só, os seguintes indicadores: (a) Tinha a questão financeira, porque o clube investiu em mim; (b) Porque financeiramente a gente começa a ter uma certa independência; (c) Porque eu comecei a ter minha liberdade financeira por causa do esporte, tais indicadores foram unificados com a seguinte redação: Estabilidade financeira.

Por fim, foi realizado o processo de categorização dos itens. As categorias ajudam a organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas pelos entrevistados durante a coleta de dados (BARTELMEBS, 2013). Cada categoria corresponde a um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são, portanto, construtos linguísticos, não tendo por isso limites precisos (GALIAZZI; MORAES, 2005). São processos analíticos que agrupam as unidades de um *corpus* de análise, isto é, dos dados coletados na pesquisa. As categorias precisam ser claras e objetivas (BARTELMEBS, 2013).

A categorização dos dados foi feita considerando as fases, os elementos e as dimensões que compõem o processo identitário atlético. A alocação dos indicadores nas categorias principais (fases, elementos e dimensões) foi submetida a um grupo de especialistas para avaliação da sua adequação (avaliação interavaliador). O grupo de especialistas foi composto por três pesquisadores da área de educação física com foco em identidade atlética e ginástica rítmica.

TABELA 1 - Caracterização do grupo de especialistas participantes da etapa de avaliação dos indicadores

| Número | Cidade | Tempo de experiência | Área de atuação |
|--------|--------------------|----------------------|-------------------|
| 1 | Curitiba – PR | 16 anos | Ginástica Rítmica |
| 2 | Rio de Janeiro –RJ | 8 anos | Ginástica Rítmica |
| 3 | Curitiba – PR | 11 anos | Psicologia |
| 4 | Salvador – BA | 15 anos | Ginástica Rítmica |

Fonte: A autora (2022)

O grupo de especialistas recebeu um documento, contendo breve explicação sobre a teoria e os itens a serem avaliados, quais aspectos deveriam ser avaliados pela comissão, além de informações referentes à população a que se destina o estudo. Cada item do instrumento deveria ser avaliado quanto aos seguintes atributos: "pertinência prática" e "relevância teórica", por meio de uma escala do tipo Likert de cinco pontos, em que 1 representava "pouquíssima", 2 "pouca", 3 "média", 4 "muita" e 5 "muitíssima" concordância com o aspecto analisado. Cada item do instrumento deveria ser avaliado de forma individual, sendo disponibilizada uma caixa de diálogo para sugestões de alteração ou comentários. Esta caixa deveria ser obrigatoriamente preenchida caso a resposta, em qualquer um dos pontos analisados, fosse igual ou menor a três.

Para essa análise foram obtidos os valores do Coeficiente de Validação de Conteúdo Corrigido (CVCc) para os dois aspectos analisados: pertinência prática e relevância teórica. Para o cálculo do Coeficiente de Validação de Conteúdo Corrigido (CVCc), realizou-se a média geral das notas dadas para cada

indicador, em cada um dos dois aspectos. Itens com valores de CVCc maiores ou iguais a 80% foram considerados válidos (HERNANDEZ-NIETO, 2002).

4 RESULTADOS

Inicialmente, os resultados serão apresentados de forma geral (sem dividir o grupo de atletas que participaram das entrevistas), apresentando a avaliação interavaliador quanto à pertinência prática e relevância teórica dos indicadores encontrados a partir das entrevistas com atletas e ex-atletas de ginástica rítmica para as fases, os elementos e as dimensões do processo de identidade atlética.

Posteriormente, os resultados serão apresentados considerando cada geração (Geração 1 - Precursoras – 1980 a 1990, Geração 2 - 1998 a 2008 e Geração 3 - 2009 a 2021), nível competitivo (nível olímpico, nível internacional e nível nacional), e categoria competitiva das participantes do estudo (individual ou conjunto), a fim de atender aos objetivos propostos.

4.1 ADEQUAÇÃO DOS INDICADORES PELO GRUPO DE ESPECIALISTAS

Quatro especialistas participaram da avaliação quanto à pertinência prática e relevância teórica dos indicadores correspondentes às fases, aos elementos e às dimensões do processo identitário atlético. Os indicadores foram extraídos das entrevistas conduzidas com atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica e agrupados nas respectivas categorias (fases, elementos e dimensões) do processo identitário atlético, propostas por Breakwell (2015).

No Quadro 6, são apresentados os valores de Coeficiente de Validação de Conteúdo Corrigido (CVCc) quanto à pertinência prática e relevância teórica para cada um dos indicadores correspondentes às fases do processo identitário atlético.

Quadro 6 – Valores do CVCc para cada indicador das fases de construção, manutenção e ruptura do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica.

| FASES | INDICADORES | CVCc | CVCc |
|------------|---|------|------|
| | | PP | RT |
| Construção | 1. Sentiu-se ginasta desde o início. | 0,95 | 0,95 |
| | 2. Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas. | 0,90 | 0,85 |
| | 3. Sentiu-se ginasta na mudança de clube mediante mudança de nível. | 0,80 | 0,85 |
| | 4. Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira | 1,00 | 1,00 |

| | | | |
|------------|---|---|---|
| | <p>medalha.</p> <p>5. Sentiu-se ginasta na categoria pré-infantil, após dar entrevista sobre resultado de competição.</p> <p>6. Sentiu-se ginasta no préinfantil no primeiro campeonato brasileiro.</p> <p>7. Sentiu-se ginasta na categoria infantil.</p> <p>8. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil em uma viagem de treinamento.</p> <p>9. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil na seleção para o panamericano.</p> | <p>0,95</p> <p>1,00</p> <p>0,80</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> | <p>0,90</p> <p>1,00</p> <p>0,85</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> |
| Manutenção | <p>1. Amar o esporte a fez seguir treinando.</p> <p>2. Ter sonhos e ou metas a fez seguir treinando.</p> <p>3. Ter gosto pela modalidade a fez seguir treinando.</p> <p>4. Ter compromisso e ou responsabilidade a fez seguir treinando.</p> <p>5. Ter conquistas a fez seguir treinando.</p> <p>6. Ter liberdade financeira gerada pelo esporte a fez seguir treinando.</p> <p>7. Evoluir na modalidade a fez seguir treinando.</p> <p>8. A família a motivou a seguir treinando.</p> <p>9. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando.</p> <p>10. Ser competitiva a fazia seguir treinando.</p> | <p>0,95</p> <p>1,00</p> <p>0,95</p> <p>1,00</p> <p>0,90</p> <p>0,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>0,90</p> <p>1,00</p> | <p>0,95</p> <p>0,95</p> <p>1,00</p> <p>0,90</p> <p>0,90</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>0,90</p> <p>1,00</p> |
| Ruptura | <p>1. As lesões foram determinantes na decisão de aposentadoria.</p> <p>2. Os estudos foram determinantes na decisão de aposentadoria</p> <p>3. O cansaço foi determinante na decisão de aposentadoria.</p> <p>4. O trabalho foi o fator preponderante na decisão de aposentadoria.</p> <p>5. Decidir fechar um ciclo foi determinante para parar de treinar.</p> <p>6. A busca por saúde mental foi determinante na decisão de aposentadoria.</p> <p>7. Perder o interesse pelo treinamento foi decisivo para parar de treinar.</p> <p>8. A frustração com a modalidade foi determinante na decisão de aposentadoria.</p> <p>9. Mudar de cidade para dançar foi determinante para a aposentadoria.</p> | <p>1,00</p> <p>0,90</p> <p>0,80</p> <p>0,95</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>0,90</p> | <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>0,90</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>1,00</p> <p>0,85</p> |

NOTA: CVCc= Coeficiente de Validade de Conteúdo Corrigido; PP= pertinência prática; RT= Relevância Teórica

A avaliação realizada pelo grupo de especialistas, demonstrou que todos os itens que compuseram as fases do processo identitário atlético das ginastas brasileiras que participaram do estudo obtiveram valores de Coeficiente

de Validade de Conteúdo Corrigido (CVCc) acima do valor recomendado pela literatura (0,80) para os aspectos pertinência prática e relevância teórica.

No Quadro 7 são apresentados os valores de CVCc quanto à pertinência prática e relevância teórica para cada um dos indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético.

Quadro 7 – Valores do CVCc para cada indicador de elementos do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica.

| ELEMENTOS | INDICADORES | CVCc PP | CVCc RT |
|----------------------------|---|--------------------|--------------------|
| Categoria social | 1. Ser competitiva a classificava como ginasta. | 1,00 | 1,00 |
| | 2. Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta. | 1,00 | 1,00 |
| | 3. Ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta. | 1,00 | 1,00 |
| Relações interpessoais | 1. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. | 0,95 | 1,00 |
| | 2. O companheirismo tornou os treinos mais prazerosos | 0,90 | 0,90 |
| Representação social | 1. Ser ginasta a fez ter o reconhecimento e o apoio dos amigos da escola. | 1,00 | 1,00 |
| Exposição representacional | 1. A possibilidade de aparecer na TV a fez ingressar na modalidade. | 0,95 | 0,95 |
| | 2. Gostar de apresentar possibilitou a permanência na modalidade. | 1,00 | 1,00 |
| | 3. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | 0,85 | 0,85 |
| Aprendizagem vicária | 1. Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. | 1,00 | 1,00 |
| | 2. Treinar com ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. | 1,00 | 1,00 |
| | 3. Assistir a aula de ginástica rítmica e imitar os movimentos do lado de fora da sala a levou a ingressar na modalidade. | 1,00 | 1,00 |

NOTA: CVCc= Coeficiente de Validade de Conteúdo Corrigido; PP= pertinência prática; RT= Relevância Teórica

Nos elementos do processo identitário atlético, a avaliação realizada pelo grupo de especialistas, demonstrou que todos os itens obtiveram valores de Coeficiente de Validade de Conteúdo Corrigido (CVCc) acima do valor recomendado pela literatura (0,80) para os aspectos pertinência prática e relevância teórica.

No Quadro 8 são apresentados os valores de CVCc quanto à pertinência prática e relevância teórica para cada um dos indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético.

Quadro 8 – Valores do CVCc para cada indicador dos elementos do processo identitário atlético de atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica.

| DIMENSÕES | INDICADORES | CVCc PP | CVCc RT |
|------------------|--|--------------------|--------------------|
| Conteúdo | 1. Ser uma criança ativa influenciou na identificação com a modalidade. | 0,85 | 0,85 |
| | 2. Ser canhota dificultou as vivências atléticas em um conjunto. | 1,00 | 1,00 |
| | 3. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | 1,00 | 0,95 |
| | 4. Gostar de criar e montar séries facilitou o processo de treinamento. | 0,90 | 0,90 |
| | 5. Gostar de ser responsável pelo resultado a fazia preferir o individual. | 1,00 | 1,00 |
| | 6. Ser individualista a fazia preferir o individual. | 1,00 | 1,00 |
| Valor | 1. As competições marcaram a carreira esportiva da participante. | 1,00 | 1,00 |
| | 2. As conquistas marcaram a carreira esportiva da participante. | 1,00 | 1,00 |
| | 3. As viagens marcaram a carreira esportiva da participante. | 1,00 | 1,00 |
| | 4. A convocação para seletiva da seleção brasileira marcou a vida da participante. | 1,00 | 1,00 |
| | 5. A convocação para seleção brasileira marcou a vida da participante. | 1,00 | 1,00 |

NOTA: CVCc= Coeficiente de Validade de Conteúdo Corrigido; PP= pertinência prática; RT= Relevância Teórica

Em relação às dimensões do processo identitário atlético, a avaliação realizada pelo grupo de especialistas, demonstrou que todos os itens obtiveram valores de Coeficiente de Validade de Conteúdo Corrigido (CVCc) acima do valor recomendado pela literatura (0,80) para os aspectos pertinência prática e relevância teórica.

4.2 PROCESSO IDENTITÁRIO, CONSIDERANDO AS DIFERENTES GERAÇÕES DA GINÁSTICA RÍTMICA BRASILEIRA (GERAÇÃO 1, GERAÇÃO 2, GERAÇÃO 3)

Os Quadros 9, 10 e 11 apresentam, respectivamente, os indicadores correspondentes às fases, aos elementos e às dimensões do processo identitário atlético, considerando as diferentes gerações da ginástica rítmica brasileira

(Geração 1 - Ginastas precursoras, que competiram até 1989; Geração 2 - Ginastas que competiram de 1990 a 2008; Geração 3 - Ginastas que competiram de 2009 a 2021).

QUADRO 9 - Indicadores das fases de construção, manutenção e ruptura encontrados para cada geração, com o número correspondente de atletas.

| FASES | SUBCATEGORIAS | INDICADORES | G | G | G | |
|------------|---------------------------------------|--|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | |
| Construção | Construção prévia | 1. Sentiu-se ginasta desde o início. | 1 | | 2 | |
| | Transição de nível | 2. Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas. | | 1 | 4 | |
| | | 3. Sentiu-se ginasta na mudança de clube mediante mudança de nível. | | | 4 | |
| | Conquista ou reconhecimento esportivo | 4. Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira medalha. | | | 2 | |
| | | 5. Sentiu-se ginasta na categoria pré-infantil, após dar entrevista sobre resultado de competição. | | | 1 | |
| | | 6. Sentiu-se ginasta no pré - infantil no primeiro campeonato brasileiro. | | | 1 | |
| | | 7. Sentiu-se ginasta na categoria infantil. | | | 6 | 1 |
| | | 8. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil em uma viagem de treinamento. | | | 2 | |
| | | 9. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil na seleção para o panamericano. | | | 1 | 2 |
| Manutenção | Enlace afetivo | 1. Amar o esporte a fez seguir treinando. | 1 | 3 | 2 | |
| | Perspectiva de futuro | 2. Ter gosto pela modalidade a fez seguir treinando. | | 2 | 1 | |
| | | 3. Ter sonhos e ou metas a fez seguir treinando. | | | 5 | 1 |
| | | 4. Evoluir na modalidade a fez seguir treinando. | | | 1 | 1 |
| | Conquistas | 5. Ter compromisso e ou responsabilidade a fez seguir treinando. | | | 1 | |
| | | 6. Ter conquistas a fez seguir treinando. | | | 2 | 1 |
| | | 7. Ter liberdade financeira gerada pelo esporte a fez seguir treinando. | | | 3 | |
| | Estabilidade Financeira | 8. A família a motivou a seguir treinando. | | | 1 | |
| | | 9. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. | | | 1 | 1 |
| | Motivação extrínseca | 10. Ser competitiva a fazia seguir treinando. | | | | |
| Ruptura | Saúde física e mental | 1. As lesões foram determinantes na decisão de aposentadoria. | 1 | 1 | 4 | |
| | | 2. O cansaço foi determinante na decisão de aposentadoria. | | 2 | | |
| | | 3. A busca por saúde mental foi determinante na decisão de aposentadoria. | | 1 | | |
| | Transição de carreira | 4. Os estudos foram determinantes na decisão de aposentadoria | | | 3 | 3 |
| | | 5. O trabalho foi o fator preponderante na decisão de aposentadoria. | | | 1 | |
| | Finalização de carreira | 6. Decidir fechar um ciclo foi determinante para parar de treinar. | | | 2 | |

| | | | | | |
|--|---|---|--|-------------|-------------|
| | Perda de interesse na modalidade ou treinamento | 7. Perder o interesse pelo treinamento foi decisivo para parar de treinar. 8. A frustração com a modalidade foi determinante na decisão de aposentadoria. 9. Mudar de cidade para dançar foi determinante para a aposentadoria. | | 1 1 1 | 1 1 1 |
|--|---|---|--|-------------|-------------|

Nota: G1= Ginastas precursoras, que competiram até 1989, G2= Ginastas que competiram de 1990 a 2008, G3= Ginastas que competiram de 2009 a 2021.

Os indicadores encontrados para a fase de construção do processo de identidade atlética evidenciaram duas principais categorias de análise: Transição de nível (Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas e sentiu-se ginasta na mudança de clube mediante mudança de nível), Conquistas e reconhecimento esportivo (Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira medalha; Sentiu-se ginasta na categoria pré-infantil; após dar entrevista sobre resultado de competição; Sentiu-se ginasta no pré-infantil no primeiro campeonato brasileiro; Sentiu-se ginasta na categoria infantil; Sentiu-se ginasta na categoria juvenil em uma viagem de treinamento; Sentiu-se ginasta na categoria juvenil na seleção para o panamericano), comuns em dois grupos de atletas (Geração 2 e Geração 3). Os indicadores que mais se destacaram (maior número de atletas que o manifestaram nas entrevistas) foram da categoria transição de nível, sendo o mais citado: Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas. Na fase de manutenção, os indicadores que mais se destacaram foram “Ter sonhos e ou metas” e “Evoluir na modalidade”. Na fase de ruptura, o indicador “Lesão” se destacou em todas as gerações. O indicador “Estudos” também se destaca na Geração 2 e Geração 3.

QUADRO 10 - Indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético encontrados para cada geração, com o número correspondente de atletas.

| ELEMENTOS | INDICADORES | G1 | G2 | G3 |
|------------------|---|----|----|----|
| Categoria social | 1. Ser competitiva a classificava como ginasta. | | 1 | 2 |
| | 2. Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta. | | | 4 |
| | 3. Ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta. | | | 2 |

| | | | | |
|----------------------------|---|--|------------|------------|
| Relações interpessoais | 1. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. 2. O companheirismo tornou os treinos mais prazerosos. | | 1 | 1 |
| Representação social | 1. Ser ginasta a fez ter o reconhecimento e o apoio dos amigos da escola. | | | 1 |
| Exposição representacional | 1. A possibilidade de aparecer na TV a fez ingressar na modalidade. 2. Gostar de apresentar possibilitou a permanência na modalidade. 3. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | | 1 1 | 1 |
| Aprendizagem vicária | 1. Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. 2. Treinar com ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. 3. Assistir a aula de ginástica rítmica e imitar os movimentos do lado de fora da sala a levou a ingressar na modalidade. | | 4 1 | 2 1 |

Nota: G1= Ginastas precursoras, que competiram até 1989, G2= Ginastas que competiram de 1990 a 2008, G3= Ginastas que competiram de 2009 a 2021.

No que diz respeito aos elementos do processo identitário atlético, na Categoria Social o indicador mais referido pelas atletas, “Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava como ginasta”, foi encontrado para a Geração 3. Referente à Aprendizagem Vicária, o indicador “Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos” foi o mais citado pelas atletas das Gerações 2 e 3.

QUADRO 11 - Indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético encontrados para cada geração, com o número correspondente de atletas.

| DIMENSÕES | INDICADORES | G1 | G2 | G3 |
|-----------|--|----|----|----|
| Conteúdo | 1. Ser uma criança ativa influenciou na identificação com a modalidade. | | | 1 |
| | 2. Ser canhota dificultou as vivências atléticas em um conjunto. | | | 1 |
| | 3. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | | | 1 |
| | 4. Gostar de criar e montar séries facilitou o processo de treinamento. | | 1 | |
| | 5. Gostar de ser responsável pelo resultado a fazia preferir o individual. | | | 3 |
| | 6. Ser individualista a fazia preferir o individual. | | | |
| Valor | 1. As competições marcaram a carreira esportiva da participante. | 1 | 7 | 9 |
| | 2. As conquistas marcaram a carreira esportiva da participante. | | 1 | 2 |
| | 3. As viagens marcaram a carreira esportiva da participante. | | 1 | 4 |
| | 4. A convocação para seletiva da seleção brasileira marcou a vida da participante. | | 1 | |
| | 5. A convocação para seleção | | | |

| | | | | |
|--|---|--|--|--|
| | brasileira marcou a vida da participante. | | | |
|--|---|--|--|--|

Nota: G1= Ginastas precursoras, que competiram até 1989, G2= Ginastas que competiram de 1990 a 2008, G3= Ginastas que competiram de 2009 a 2021.

Nas dimensões do processo identitário atlético, os grupos de atletas entrevistadas (Gerações 1, 2 e 3) divergem na sua percepção do que corresponde à dimensão Conteúdo do processo identitário. O maior número de indicadores nessa categoria foi mencionado pelas atletas da Geração 3, com destaque para “Gostar de criar e montar séries facilitou o processo de treinamento”. No que diz respeito ao Valor, as “Competições” foram citadas pelos três grupos de atletas como importante para a formação da identidade atlética, sendo mais evidente para as atletas das Gerações 2 e 3. Para as atletas da Geração 3, as “Viagens” também se caracterizaram como um valor marcante no processo de identidade atlética.

4.3. PROCESSO IDENTITÁRIO, CONSIDERANDO OS DIFERENTES NÍVEIS COMPETITIVOS DAS ATLETAS E EX-ATLETAS DA GINÁSTICA RÍTMICA BRASILEIRA

Os Quadros 12, 13 e 14 apresentam, respectivamente, os indicadores correspondentes às fases, aos elementos e às dimensões do processo identitário atlético, considerando os diferentes níveis competitivos das atletas e ex-atletas da ginástica rítmica brasileira (Nacional, Internacional e Olímpico).

QUADRO 12 - Indicadores das fases de construção, manutenção e ruptura encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas.

| FASES | SUBCATEGORIAS | INDICADORES | A N | A I | A O |
|------------|---------------------------------------|--|--------|--------|--------|
| Construção | Construção prévia | 1. Sentiu-se ginasta desde o início. | 1 | 1 | 1 |
| | Transição de nível | 2. Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas. | 4 | 1 | 3 |
| | | 3. Sentiu-se ginasta na mudança de clube mediante mudança de nível. | 1 | | |
| | | 4. Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira medalha. | 4 | | |
| | Conquista ou reconhecimento esportivo | 5. Sentiu-se ginasta na categoria pré-infantil, após dar entrevista sobre resultado de competição. | | | 2 |
| | | 6. Sentiu-se ginasta no pré - infantil no primeiro campeonato brasileiro. | | 1 | |
| | | 7. Sentiu-se ginasta na categoria infantil. | | | 4 |
| | | 8. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil em uma viagem de treinamento. | | 1 | 1 |
| | | 9. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil na seleção para o panamericano. | | 1 | |

| | | | | | | |
|------------|---|--|---|---|---|---|
| Manutenção | Enlace afetivo | 1. Amar o esporte a fez seguir treinando. | 4 | 1 | 3 | |
| | | 2. Ter gosto pela modalidade a fez seguir treinando. | 5 | | 3 | |
| | Perspectiva de futuro | 3. Ter sonhos e ou metas a fez seguir treinando. | 1 | 4 | 5 | |
| | | 4. Evoluir na modalidade a fez seguir treinando. | 1 | 1 | 1 | |
| | | 5. Ter compromisso e ou responsabilidade a fez seguir treinando. | 3 | 1 | 1 | |
| | Conquistas | 6. Ter conquistas a fez seguir treinando. | | 1 | | |
| | Estabilidade Financeira | 7. Ter liberdade financeira gerada pelo esporte a fez seguir treinando. | | 1 | 2 | |
| | | 8. A família a motivou a seguir treinando. | | 1 | | |
| | Motivação extrínseca | 9. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. | | | 1 | |
| | | 10. Ser competitiva a fazia seguir treinando. | | 2 | | |
| Ruptura | Saúde física e mental | 1. As lesões foram determinantes na decisão de aposentadoria. | 3 | 3 | 5 | |
| | | 2. O cansaço foi determinante na decisão de aposentadoria. | | | 4 | |
| | | 3. A busca por saúde mental foi determinante na decisão de aposentadoria. | | 2 | 1 | |
| | Transição de carreira | 4. Os estudos foram determinantes na decisão de aposentadoria | | 2 | 2 | 1 |
| | | 5. O trabalho foi o fator preponderante na decisão de aposentadoria. | | 3 | | 1 |
| | Finalização de carreira | 6. Decidir fechar um ciclo foi determinante para parar de treinar. | | 1 | | 1 |
| | | 7. Perder o interesse pelo treinamento foi decisivo para parar de treinar. | | 2 | | 1 |
| | Perda de interesse na modalidade ou treinamento | 8. A frustração com a modalidade foi determinante na decisão de aposentadoria. | | | 1 | |
| | | 9. Mudar de cidade para dançar foi determinante para a aposentadoria. | | 1 | | |

Nota: AN= ATLETAS NACIONAIS (ginastas que competiram campeonatos nacionais de individual e conjunto), AI= ATLETAS INTERNACIONAIS (ginastas que competiram sulamericano, panamericano e campeonatos mundiais), AO= ATLETAS OLÍMPICAS (ginastas que competiram jogos olímpicos).

Na fase de construção do processo identitário atlético, para atletas dos três níveis competitivos, os indicadores comuns foram “Sentiu-se ginasta desde o início” e “Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas”, sendo este último indicador o mais mencionado pelas atletas das Gerações 1 e 3. Outros indicadores que se destacaram no discurso das entrevistadas foram “Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira medalha” e “Sentiu-se ginasta na categoria infantil”, respectivamente para as atletas das Gerações 1 e 3. Na fase de Manutenção da Identidade Atlética percebe-se que “Amar o esporte a fez seguir treinando” e “Ter sonhos e metas a fez seguir treinando”, “Ter compromisso e ou responsabilidade a fez seguir treinando” e “Evoluir na modalidade a fez seguir treinando” foram comuns aos três grupos de atletas. Destaca-se que metade dos relatos das atletas olímpicas foram direcionados a “Sonho e metas”. Na categoria Ruptura da

Identidade Atlética, os indicadores “Lesões” e “Estudo” foram comuns aos três grupos de atletas, enquanto que “Lesões” e “Cansaço” foram os indicadores mais relatados pelas atletas do nível olímpico.

QUADRO 13 - Indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas.

| ELEMENTOS | INDICADORES | AN | AI | AO |
|----------------------------|--|----|----|----|
| Categoria social | 1. Ser competitiva a classificava como ginasta. | 1 | 1 | |
| | 2. Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta. | 1 | 1 | 2 |
| | 3. Ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta. | | 1 | 3 |
| Relações interpessoais | 1. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. 2. O companheirismo tornou os treinos mais prazerosos. | 1 | | 1 |
| Representação social | 1. Ser ginasta a fez ter o reconhecimento e o apoio dos amigos da escola. | 1 | | |
| Exposição representacional | 1. A possibilidade de aparecer na TV a fez ingressar na modalidade. | | 1 | |
| | 2. Gostar de apresentar | 1 | | |

| | | | | |
|----------------------|---|---------------------|---|------------|
| | possibilitou a permanência na modalidade. 3. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | 1 | | |
| Aprendizagem vicária | 1. Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. 2. Treinar com ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. 3. Assistir a aula de ginástica rítmica e imitar os movimentos do lado de fora da sala a levou a ingressar na modalidade. | 1 1 1 | 1 | 2 1 |

Nota: AN= ATLETAS NACIONAIS (ginastas que competiram campeonatos nacionais de individual e conjunto), AI= ATLETAS INTERNACIONAIS (ginastas que competiram sulamericano, panamericano e campeonatos mundiais), AO= ATLETAS OLÍMPICAS (ginastas que competiram jogos olímpicos).

Em relação aos elementos do processo identitário atlético o indicador “ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta” na categoria social e “assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos” na aprendizagem vicária, foram comuns em todos os níveis competitivos. O indicador “ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta” foi mencionado nos níveis competitivos internacionais e olímpicos.

QUADRO 14 - Indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas.

| DIMENSÕES | INDICADORES | A N | AI | AO |
|-----------|-------------|-----|----|----|
|-----------|-------------|-----|----|----|

Referente às dimensões do processo identitário atlético, na dimensão conteúdo destacam-se os indicadores “Ser uma criança ativa influenciou na identificação com a modalidade” e “Gostar de ser responsável pelo resultado a fazia preferir o individual” foram comuns aos três níveis de atletas. Na dimensão Valor, ressaltam-se os indicadores competições e conquistas que marcaram as carreiras esportivas das participantes em todos os níveis e o indicador viagens, como algo que marcou a carreira esportiva das participantes nos níveis nacional e internacional.

4.4. PROCESSO IDENTITÁRIO, CONSIDERANDO AS DIFERENTES CATEGORIAS EM QUE AS ATLETAS E EX-ATLETAS DA GINÁSTICA RÍTMICA BRASILEIRA COMPETEM (INDIVIDUAL E CONJUNTO)

Os Quadros 15, 16 e 17 apresentam, respectivamente, os indicadores correspondentes às fases, aos elementos e às dimensões do processo identitário atlético, considerando as diferentes categorias em que as atletas e ex-atletas da ginástica rítmica brasileira (Individual e conjunto).

QUADRO 15 - Indicadores das fases de construção, manutenção e ruptura encontrados para cada categoria competitiva (individual e conjunto), com o número correspondente de atletas.

| FASES | SUBCATEGORIAS | INDICADORES | I | C |
|------------|---------------------------------------|--|---|---|
| Construção | Construção prévia | 1. Sentiu-se ginasta desde o início. | 2 | 2 |
| | Transição de nível | 2. Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas. | 2 | |
| | | 3. Sentiu-se ginasta na mudança de clube mediante mudança de nível. | 1 | 3 |
| | Conquista ou reconhecimento esportivo | 4. Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira medalha. | | 3 |
| | | 5. Sentiu-se ginasta na categoria pré-infantil, após dar entrevista sobre resultado de competição. | | 4 |
| | | 6. Sentiu-se ginasta no pré - infantil no primeiro campeonato brasileiro. | 1 | 2 |
| | | 7. Sentiu-se ginasta na categoria infantil. | 1 | 5 |
| | | 8. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil em uma viagem de treinamento. | | 1 |
| | | 9. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil na seleção para o panamericano. | | |

| | | | | |
|------------|---|--|---|----|
| Manutenção | Enlace afetivo | 1. Amar o esporte a fez seguir treinando. | 1 | 5 |
| | | 2. Ter gosto pela modalidade a fez seguir treinando. | 1 | 2 |
| | Perspectiva de futuro | 3. Ter sonhos e ou metas a fez seguir treinando. | 1 | 6 |
| | | 4. Evoluir na modalidade a fez seguir treinando. | | 3 |
| | | 5. Ter compromisso e ou responsabilidade a fez seguir treinando. | | 1 |
| | Conquistas | 6. Ter conquistas a fez seguir treinando. | | 1 |
| | Estabilidade Financeira | 7. Ter liberdade financeira gerada pelo esporte a fez seguir treinando. | | 2 |
| | | 8. A família a motivou a seguir treinando. | | 1 |
| | Motivação extrínseca | 9. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. | | 1 |
| | | 10. Ser competitiva a fazia seguir treinando. | | 1 |
| Ruptura | Saúde física e mental | 1. As lesões foram determinantes na decisão de aposentadoria. | 2 | 10 |
| | | 2. O cansaço foi determinante na decisão de aposentadoria. | 1 | 3 |
| | | 3. A busca por saúde mental foi determinante na decisão de aposentadoria. | 2 | 2 |
| | Transição de carreira | 4. Os estudos foram determinantes na decisão de aposentadoria | 1 | 4 |
| | | 5. O trabalho foi o fator preponderante na decisão de aposentadoria. | 1 | 4 |
| | Finalização de carreira | 6. Decidir fechar um ciclo foi determinante para parar de treinar. | 1 | 2 |
| | | 7. Perder o interesse pelo treinamento foi decisivo para parar de treinar. | 1 | 2 |
| | Perda de interesse na modalidade ou treinamento | 8. A frustração com a modalidade foi determinante na decisão de aposentadoria. | | 1 |
| | | 9. Mudar de cidade para dançar foi determinante para a aposentadoria. | 1 | |

Nota: I= ginastas de individual, C= ginastas de conjunto.

Em relação as fases do processo identitário atlético, as participantes das duas provas mencionaram que se sentiram ginastas na mudança de carga horária, na categoria pré-infantil no primeiro campeonato brasileiro e na categoria infantil como fator e momento de reconhecimento e construção de identidade atlética. Referente à manutenção da identidade atlética, amar o esporte, ter sonhos e ou metas e ter gosto pela modalidade foram relatados como motivos que as fizeram seguir treinando por participantes das duas provas. Relativos à ruptura de identidade foram referidas lesões, estudos, cansaço e trabalho como fatores determinantes na decisão de aposentadoria citados por participantes das duas provas.

QUADRO 16 - Indicadores correspondentes aos elementos do processo identitário atlético encontrados para cada categoria em que as atletas competem (individual e conjunto).

| ELEMENTOS | INDICADORES | I | C |
|----------------------------|---|---------------------|------------|
| Categoria social | 1. Ser competitiva a classificava como ginasta. 2. Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta. 3. Ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta. | 1 1 2 | 2 2 |
| Relações interpessoais | 1. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. 2.O companheirismo tornou os treinos mais prazerosos. | 1 | 1 |
| Representação social | 1.Ser ginasta a fez ter o reconhecimento e o apoio dos amigos da escola. | 1 | |
| Exposição representacional | 1.A possibilidade de aparecer na TV a fez ingressar na modalidade. 2.Gostar de apresentar possibilitou a permanência na modalidade. 3.Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | 1 1 1 | |
| Aprendizagem vicária | 1. Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. 2. Treinar com ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos. 3. Assistir a aula de ginástica rítmica e imitar os movimentos do lado de fora da sala a levou a ingressar na modalidade. | 2 1 1 | 3 |

Nota: I= ginastas de individual, C= ginastas de conjunto.

Referente aos elementos do processo identitário atlético, na Categoria Social, os indicadores “Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta” e “Ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta” apresentaram similaridade entre ambas as provas. Relativo à aprendizagem vicária, o indicador “Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos” foi citado por participantes das duas provas.

QUADRO 17 - Indicadores correspondentes às dimensões do processo identitário atlético encontrados para cada nível competitivo, com o número correspondente de atletas.

| DIMENSÕES | INDICADORES | I | C |
|-----------|--|---|----|
| Conteúdo | 1. Ser uma criança ativa influenciou na identificação com a modalidade. | 3 | 2 |
| | 2. Ser canhota dificultou as vivências atléticas em um conjunto. | | 1 |
| | 3. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. | 2 | |
| | 4. Gostar de criar e montar séries facilitou o processo de treinamento. | 1 | |
| | 5. Gostar de ser responsável pelo resultado a fazia preferir o individual. | 4 | |
| | 6. Ser individualista a fazia preferir o individual. | 1 | |
| Valor | 1. As competições marcaram a carreira esportiva da participante. | 8 | 11 |

| | | | |
|--|--|-------------------|-------------------------------------|
| | <p>2. As conquistas marcaram a carreira esportiva da participante.</p> <p>3. As viagens marcaram a carreira esportiva da participante.</p> <p>4. A convocação para seletiva da seleção brasileira marcou a vida da participante.</p> <p>5. A convocação para seleção brasileira marcou a vida da participante.</p> | <p>3</p> <p>3</p> | <p>3</p> <p>2</p> <p>1</p> <p>1</p> |
|--|--|-------------------|-------------------------------------|

Nota: I = ginastas de individual, C= ginastas de conjunto.

Referente às dimensões do processo identitário atlético, na dimensão Conteúdo, o indicador “Ser uma criança ativa influenciou na identificação com a modalidade” foi mencionado por participantes de ambas as provas. Na dimensão Valor, os indicadores competições, conquistas e viagens marcaram a carreira esportiva das participantes e se destacaram nas falas das participantes das duas provas.

5. DISCUSSÃO

O objetivo do estudo foi analisar o processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento, considerando diferentes gerações (Geração 1 - ginastas precursoras, que competiram até 1989; geração 2 - ginastas que competiram de 1990 a 2008; geração 3 - ginastas que competiram de 2009 a 2021), nos níveis competitivos (Nacional, Internacional e Olímpico) e provas competitivas (individual e conjunto). A avaliação interavaliador corroborou a pertinência prática e relevância teórica dos indicadores correspondentes às fases, aos elementos e às dimensões do processo identitário atlético, encontrados a partir da fala das atletas entrevistadas.

Fases do processo identitário atlético

As fases do processo identitário atlético na ginástica rítmica perpassam pela construção de uma identidade atlética, em que a atleta possivelmente se reconhece atleta e passa a fazer parte de um grupo de ginastas com valores e gostos semelhantes; pela manutenção, fase em que são feitas ações para manter a sua identidade atlética e continuar na modalidade, e pela ruptura, que resulta na transição de carreira e aposentadoria na ginástica rítmica, o que pode abalar sua identidade atlética. Portanto, construir uma identidade atlética implica em definir quem a pessoa é como atleta, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida atlética, com uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com que a atleta está solidamente comprometida.

Na fase de construção de identidade atlética o conjunto de indicadores encontrados evidenciaram a transição de nível, as conquistas e o reconhecimento esportivo como aspectos principais para a construção do processo de identidade atlética. A transição de nível remete à mudança de carga horária entre turmas e consequentemente níveis, podendo vir a firmar posição e pertencimento ao mundo ginástico. Durante o período de tempo estabelecido para o treinamento, pretende-se levar a ginasta/grupo ao seu máximo rendimento, tanto físico como técnico e psicológico, mesmo no momento em que têm lugar as competições mais importantes do calendário, que anualmente é fixado dentro de cada escalão e especialidade (MONTEIRO, 2000).

Na ginástica rítmica, as atletas passam por mudança de carga horária quando fazem a transição entre a modalidade recreativa (na iniciação) e a modalidade competitiva no início de uma possível carreira atlética (entre a categoria

mirim, que não apresenta competições de nível nacional e a categoria pré-infantil, que representa a primeira categoria de competição reconhecida nacionalmente).

A categoria mirim serve como preparação para o mundo competitivo da ginástica rítmica, apresentando movimentos característicos da modalidade de forma lúdica para crianças de até 8 anos. Nesse período, as aulas tendem a durar uma hora em dois dias da semana. Na categoria pré-infantil, que contempla ginastas de 9 e 10 anos, tende-se a mudar a carga horária.

A mudança de nível, e logo de carga horária, incide em alterações na rotina das participantes da modalidade e suas famílias, portanto essa modificação foi um fator determinante do processo identitário para 42,31% das participantes, que relataram sentirem-se ginastas nesse momento. A mudança de carga horária e nível da aula foi mencionada por algumas das entrevistadas como fator que fez o sentimento de se tornar ginasta vir à tona.

“Quando vi que aquilo era sério eu treinava todo dia, a tarde toda, eu via que tinha uma responsabilidade a mais” (P3)

“A gente começou a treinar, a treinar mesmo mais de 4 horas por dia” (P6)

“Eu comecei a sentir que estava mais sério quando eu já comecei a treinar mais vezes na semana, antes eu treinava 3 vezes na semana e comecei a treinar todos os dias.” (P22)

“Eu treinava 3 vezes na semana, era segunda, quarta-feira e sexta, depois eu passei a treinar todos os dias da semana, de segunda a sexta. Quando eu fui ficando mais velha, de vez em quando, treinava no sábado também, mas a maioria era segunda a sexta.” (P22)

As conquistas na modalidade, também citadas como um fator de reconhecimento da construção de identidade atlética, reforçam o senso e o sentido para aquelas pessoas que se sentem motivadas com a competição. As medalhas são como símbolos de reconhecimento do esforço e evolução técnica na ginástica rítmica.

No período inicial de competições na carreira de uma atleta, conquistar medalhas, posições e ser chamada para seletivas pode despertar e reforçar o senso identitário atlético, uma vez que por meio das competições é possível que crianças e jovens coloquem em prática habilidades técnicas aprendidas na prática de uma apresentação organizada. É possível experimentar a conquista e a derrota e desenvolver aptidões e valores que poderão ser úteis posteriormente na vida (BOMPA, 2002). A fala de algumas atletas reforçam esse entendimento:

“Eu deveria ter uns dez anos e eu ganhei tudo na competição, depois disso eu fui chamada para entrevista e a prefeitura me chamou para fazer uma homenagem. Fui tomando conta que realmente estava representando a minha cidade”. (P4)

“Ter participado da seletiva da seleção, para mim foi o auge do auge, foi um momento que na hora eu me senti muito feliz quando eu recebi a notícia, fiquei muito feliz. Foi assim, um dos dias mais felizes da minha vida até aquele momento”. (P22)

Na fase de construção da identidade atlética percebeu-se similaridade intergeracional, entre atletas nacionais, internacionais e olímpicas. Porém, a escolha entre prova de individual ou conjunto não foi mencionada nessa fase.

A fase de manutenção da identidade se dá na continuidade do processo identitário atlético, no dia-a-dia das ações para manter a identidade atlética e as interações com as pessoas que constituem essa categoria social. Os indicadores encontrados a partir das entrevistas com ex atletas e atletas para essa fase do processo identitário apontam os traços pessoais, o enlace afetivo, as conquistas, a estabilidade financeira, a motivação extrínseca e a perspectiva de futuro como fatores fundamentais para a manutenção da identidade atlética.

A importância dos traços pessoais das atletas como fatores que as fizeram manter a sua identidade atlética durante a sua carreira, é retratada na fala de uma participante:

“Eu acho que o que me fez manter é porque eu sempre gostei muito, eu gostava muito de treinar o que me fez continuar mesmo. Foi o fato de eu fazer bem, eu não sei se foi por causa da ginástica ou se eu já era assim mesmo, mas eu sempre fui muito competitiva. Então eu gostava tanto que, na verdade, eu acho que isso já é meu.” (P22)

O enlace afetivo, representando o laço criado com a modalidade, o amor e o gosto pelo esporte que praticam ou praticaram, fizeram com que as atletas mantivessem sua identificação com o papel de atleta. Da mesma forma, ter perspectiva de futuro, como metas e sonhos criados ao longo do processo, também se destacaram como fortes fatores para a manutenção da identidade atlética, como disseram algumas participantes:

“O que realmente me mantinha acesa para continuar na ginástica era o querer fazer o esporte, gostar de fazer aquilo e de realizar um sonho de ir para as olimpíadas.” (P6)

“Sempre gostei muito de treinar assim. Do processo, não só de competir, o treinar também sempre gostei muito.” (P9)

“Quando eu entrei eu criei uma paixão já pela ginástica, eu queria muito. Então em 1 ano eu cresci absurdamente porque eu ia em todos os treinos que eu podia.” (P11)

“Eu sempre tive muita paixão pelo esporte, desde o primeiro dia que eu vi até hoje”. (P17)

Assim como na fase de construção da identidade, as conquistas e o reconhecimento esportivo foram citados como motivos importantes para a manutenção da identidade atlética, tal como destaca uma participante:

“Eu acho que desde que eu comecei ali no pré-infantil eu já tive resultado, então era uma coisa que ali eu já fiquei motivada. Eu já vi que tinha talento, sabe? No infantil a mesma coisa. Eu acho que foi assim, tipo que eu fui levando até o adulto basicamente, o resultado que foi me motivando.” (P4)

A estabilidade financeira, por sua vez, coloca o esporte como provedor de necessidades financeiras das atletas. Algumas, inclusive, veem a possibilidade de se emancipar financeiramente ainda muito novas. Dessa forma, a manutenção da identidade atlética é regada mês a mês com o reforço positivo por meio do lado financeiro, como destaca o relato de algumas participantes:

“Eu comecei a ter minha liberdade financeira por causa do esporte, porque eu comecei a ter um retorno financeiro depois de muitos anos de trabalho.” (P7)

“Tinha a questão financeira, porque o clube investiu em mim. Eu estava num clube que tinha um suporte muito grande, então eu ganhava escola. Quando eu fiz 18 anos, eu passei a ganhar uma ajuda de custos do clube, depois passei a ganhar uma ajuda de custos da seleção também, isso querendo ou não, motiva o atleta continuar, porque financeiramente a gente começa a ter uma certa independência.” (P12)

Ter perspectiva de futuro fala sobre os sonhos e metas que as entrevistadas projetaram ao longo dos anos e como ter essa visão interferiu diretamente na manutenção do processo. Os relatos trazem pontos de chegada como sonhos e metas, como destaca esta atleta:

“Eu queria era chegar numa seleção Brasileira. Então isso me motivava uma vez dentro da seleção Brasileira, que me motivava era ir para Olimpíada. Estar no titular, competir.” (P4)

A manutenção da identidade atlética também pareceu estar diretamente relacionada com a categoria menos autônoma da motivação, a regulação externa

Os comportamentos são realizados, a fim de satisfazer uma demanda externa, como por exemplo, uma recompensa (RYAN; DECI, 2000c). No caso de uma atleta de GR praticar o esporte por este lhe oferecer benefícios financeiros como salário, bolsa de estudos, plano de saúde. Caso ela não pratique regularmente o esporte, ficará sem estes benefícios (FONTANA, 2000).

A regulação externa, contudo, ocorre não só quando o comportamento é regulado por premiações materiais, mas também pelo medo de possíveis consequências indesejáveis, podendo ser percebidas nas manifestações do técnico ou dos pais (BARBOSA, 2011) e na importância que família e amigos dão para a manutenção da identidade atlética e continuidade da carreira.

O papel dos pais no incentivo à participação e principalmente na motivação diária também tem papel essencial para as atletas, em especial na iniciação, pois esta cooperação acelera a prontidão esportiva, a maturidade e possibilita escolhas (LOURENÇO, 2015). No contexto da GR brasileira o envolvimento parental apresentou comportamentos específicos ao longo da carreira esportiva das ex-ginastas que conseguiram alcançar o alto nível (SOARES et al, 2018), tal como destaca uma participante:

“É, isso é fundamental, assim, para a criança nesse primeiro momento. Porque se tu não tens apoio da família, tu não vais conseguir ir para frente assim, você depende deles”. (P9)

O treinador, por sua vez, também assumiu um papel importante na formação das jovens atletas. O sucesso desta educação só é possível quando o treinador acompanha o seu atleta no meio em que ele vive. Este constante acompanhamento é determinante para esta formação (GOMES, 2002). Uma das participantes relata:

“Hoje eu escolher estar no esporte faz sentido para mim, eu estar na minha equipe, tem a Maria, que esse ponto é central, é uma pessoa que me inspira muito, mas junto com ela e eu acho que é uma consequência também do trabalho dela.” (P17)

As amizades também foram destacadas pelas participantes, tendo em conta que as atitudes incorporadas passam a ser visualizadas no meio social em que se vive, seja nos tablados, na escola ou entre amigos não atletas. O grupo de amizades quase sempre faz parte do mesmo nicho esportivo, sendo muito comum encontrar ginastas de uma mesma equipe reunindo-se para realizar programas que visem o lazer e entretenimento no final de semana (LOURENÇO, 2015). Uma das participantes comenta:

“Eu não gostava de competir, eu gostava da ginástica, pelas amigas e tudo.” (P4)

“Eu me lembro que eu tinha muitas amigas na GR, de estar junto com elas e eram as amigas que eu tinha. Na escola eu não tinha tantas, mas no ginásio eram as minhas amigas, eu estava com elas no final de semana e brincava de ginástica.” (P11)

Na fase da manutenção da identidade atlética, também se percebe a paixão pela modalidade, ter sonhos e metas para ainda se projetar na modalidade e o quanto a evolução pessoal interfere nesse processo. Em todas as gerações, observou-se o destaque da categoria paixão. Contudo, a paixão e o gosto pela modalidade foram fatores que se sobressaíram nos relatos das atletas de nível nacional, em contraste com as atletas de níveis internacional e olímpico que apresentaram relatos em maioria direcionados aos sonhos e metas. Também observou-se que paixão, sonhos, metas e evolução foram muito presentes no discurso das atletas de conjunto.

Por fim, a ruptura é a fase final do processo identitário atlético, quando por algum motivo, a atleta sentiu a necessidade ou refletiu sobre a aposentadoria da modalidade e decide encerrar ou transicionar de carreira, pressionando diretamente sua identidade atlética. Segundo Durand-Bush e Salmela (2002), neste período elas estão focadas nas competições mais importantes como Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, nos quais muitas sacrificam atividades pessoais e escolares para se concentrarem apenas no treinamento específico para as competições. O fim de carreira de uma pessoa pode ser angustiante, pois os atletas lidam com problemas sociais, vocacionais e emocionais, mudanças que acompanham a aposentadoria do esporte (GIANONNE et al, 2017). O atleta que define sua atuação, única e exclusivamente, dentro do contexto esportivo poderá ter mais dificuldade no processo de desligamento, pois estes têm a tendência a não possuir outros componentes ocupacionais, o que pode causar um prejuízo da identidade social do mesmo (BRANDÃO et al., 2000). Os indicadores relacionados à ruptura da identidade atlética das ginastas e ex ginastas apontam para a saúde física e mental, a transição de carreira, a finalização de carreira e a perda de interesse na modalidade ou treinamento.

No quesito saúde mental e física encontraram-se referências a lesões, cansaço e busca pela saúde mental. As entrevistadas relatam:

“Aquilo já não estava me fazendo bem, psicologicamente falando, eu já estava me tornando uma pessoa muito ansiosa, não aguentava mais a pressão psicológica dentro do ginásio. Eu queria fazer outras coisas. A gente dedica nossa vida ao esporte, então eu já estava tão saturada emocionalmente e fisicamente. Eu acredito

que o físico aguentava mais um ciclo com certeza, mas foi a parte mesmo psicológica, o trauma com o treino, o trauma com a treinadora, o trauma da competição em si.” (P6)

“Lesão, realmente lesão, porque eu saí da seleção e eu estava com lesão, eu estava com a minha hérnia de disco já muito ruim, eu estava tendo crises cada vez mais frequentes da coluna e na coxa também, eu tive uma lesão durante meus anos lá, treinar já não estava mais sendo tão prazeroso porque eu sentia muita dor.” (P13)

“Mesmo com lesão a gente teria que fazer ali, eu estava no limite. Então eu resolvi parar. Por conta da lesão.” (P8)

“Eu sentia muita dor para treinar”. (P10)

A transição de carreira, por sua vez, suscita sobre mudança de área ou função. Para Stambulova (1994), quando os atletas não conseguem lidar com a transição, com novas dificuldades e problemas, abandonam o esporte prematuramente. Segundo Brandão et al (2000), a transição de carreira é resultado da combinação de inúmeros fatores individuais e influências sociais (idade, novos interesses, fadiga psicológica, dificuldades com a equipe técnica, performance em declínio, problemas físicos, etc). Nesse quesito, as participantes relatam a necessidade de se dedicarem aos estudos:

“Eu parei de treinar, comecei a fazer faculdade de Educação Física e comecei imediatamente já junto a dar aula de ginástica”. (P1)

“Sendo bem sincera eu queria fazer a minha faculdade” (P4)

“Eu treinava muitas horas e o dia inteiro, até o estudo ficava em segundo plano. Porque eu tentei várias vezes começar a faculdade e não conseguia dar continuidade porque o treino não tinha hora para acabar”. (P9)

Na fase de ruptura da identidade atlética percebe-se similaridade intergeracional nos relatos que, em maioria, são direcionados a lesões. Na geração 2, o cansaço aparece com diversos relatos, alertando sobre possível síndrome de *burnout* nem sempre diagnosticada e tratada. Vale ressaltar que o desequilíbrio da relação entre o estresse e a recuperação, quando vivenciados de forma crônica pelos indivíduos ao longo de várias temporadas esportivas, pode culminar em uma maior probabilidade destes sujeitos desencadearem a síndrome de *burnout* (COSTA; BICALHO, 2022).

A geração 2 (atletas olímpicas) teve como objetivo manter a colocação do país nos jogos olímpicos de 2008 na prova de conjunto, esse fator influenciou diretamente no estilo de treinamento adotado pela seleção brasileira de ginástica rítmica nesse período, resultando em alto número de atletas lesionadas que relataram também muito cansaço em sua finalização de carreira. Na geração 3,

várias participantes relataram também sobre a categoria estudos, como fator de ruptura de identidade, isso revela uma necessidade de seguir se preparando para uma carreira fora do esporte e como a entrada no mercado de trabalho se dificultou ao longo dos anos.

Elementos do processo identitário atlético

Os elementos que compõem a teoria do processo identitário contemplam categoria social (grupo a qual a pessoa se identifica), relações interpessoais (relações que acontecem no interior e exterior desses grupos), representação pessoal (elemento que determina como a pessoa se sentirá representada ou representando), exposição representacional (como a pessoa se apresenta) e aprendizagem vicária (aprendizagem por meio da observação de outros significantes – ídolos, modelos, etc.) (BANDURA, 1986).

A categoria social diz respeito ao grupo ao qual fazemos parte, pessoas que nos identificamos e que seguem pensamentos e se expressam de forma similar. Nessa categoria, os relatos estiveram ligados a aspectos inerentes ao esporte de alto rendimento, como ser competitiva, ser uma pessoa que gosta de treinar e ser muito ativa:

“Eu era uma criança bem ativa, gostava de brincar muito e mesmo sem nunca ter feito ginástica, eu já ficava virando estrelinha, fazendo spacato em casa.” (P10)

“Meu perfil de ser esforçada, não porque eu era talentosa, mas porque eu era esforçada. Eu sabia que eu queria, eu falava: Mãe um dia vou ser a melhor do Brasil (...) Sempre fui competitiva, não aceitava perder as competições na rua. Ganhava dos meninos, não estava nem aí”. (P11)

“Eu sempre estava buscando ser a melhor”. (P11)

A categoria relações interpessoais compreende as trocas que acontecem entre as pessoas, o relacionamento entre duas ou mais pessoas que podem acontecer em diversos contextos (MAGALHÃES, 2001). As participantes mencionaram que ter boas amizades na modalidade as faziam seguir treinando, assim como o companheirismo, que tornou os treinos mais prazerosos:

“Não tem como tu não criar laços assim com as meninas, são muitos anos, não tem como tu não ter essa amizade, compartilhar essas conquistas, sabe?” (P23)

“Eu acho que marca muito assim as pessoas que eu conheci no processo, as meninas até hoje a gente conversa muito, tenho uma relação de amizade com as meninas, são amigas. Algumas estavam no meu casamento e a gente tem essa relação, então marca muito”. (P9)

As representações sociais, resultantes das interações que acontecem em sociedade, ressaltam o que há em comum em um grupo de indivíduos. As representações sociais, sendo produzidas e apreendidas no contexto das comunicações sociais, são necessariamente estruturas dinâmicas (SPINK, 1993). Ser ginasta e ter o reconhecimento e o apoio dos amigos de fora do esporte é algo bem representativo e consolidador de sua identidade atlética perante a sociedade. Durante a adolescência, o grupo ao qual fazemos parte tem grande importância e influência nas nossas atitudes, hábitos e decisões. Nossas amigas podem de certa forma colocar em xeque nossa identidade e influenciar no curso das tomadas de decisão em relação ao que irá se seguir. As atletas de ginástica rítmica passam muitas horas em treinamentos intensos no âmbito e meio esportivo, estar em contato com outros grupos fora do ginásio pode fazer com que sua identidade atlética seja questionada. O relato de uma participante representa esse argumento:

“Sempre fui muito apoiada na ginástica pelos meus amigos, mas existe essa coisa dos quinze anos. É, mas foi só nesses momentos, mas sempre acontecia alguma coisa que me lembrava: Ah não, eu gosto disso aqui!” (P21).

Nosso estado contemporâneo de constante incerteza e perplexidade identitários não provêm somente da dificuldade em obter as identidades de nossa 'escolha' e vê-las reconhecidas por nossos pares, mas, sobretudo, da dificuldade de saber que identidade escolher e como nos mantermos sempre alertas e abertos para escolher novas identidades, caso o modelo selecionado tenha saído de mercado ou perdido seu status e poder de sedução (BAUMAN, 2001).

A categoria exposição representacional, por sua vez, refere-se a como nos comportamos socialmente, a forma como nos expomos ao grande grupo. A importância de compreender como as pessoas se expõem diz muito sobre comportamento, estética, exposição dos pensamentos e gostos. As formas de exposição atraem crianças para o meio esportivo, como elas lidam com a mídia e a possibilidade de um dia serem vistas por outras pessoas, como relatam as participantes:

“Eu não sabia o que que era ginástica e as meninas de Toledo tinham começado a se destacar, elas apareceram na televisão e no jornal. Eu falei “Ah apareceram na televisão, eu quero fazer

isso também”. Eu comecei a fazer querendo aparecer na televisão”. (P11)

“Eu gostava da adrenalina de competir e também gosto muito de aparecer”. (P21)

A aprendizagem vicária relaciona-se com a observação e imitação de comportamentos, que na teoria da aprendizagem social de Bandura (1977), se baseia na ideia de que aprendemos com nossas interações com outras pessoas em um contexto social. Ginastas iniciantes ou de categorias menores incorporam atitudes de outras ginastas de categorias maiores na forma de executar determinados movimentos, na forma de agir frente a uma situação que exige tomada de decisão ou ainda na organização de um ritual pré-competição (LOURENÇO, 2015). Ideia que se representa na fala de uma das entrevistadas:

“As meninas mais velhas da minha época eram muito artísticas, elas eram muito referência. Eu tinha um privilégio de ter essas meninas como colegas de equipe que além de ter esse aspecto inspirador de eu vê-las treinando, eu tinha oportunidade de conversar muito com elas. Então elas é serviam muito desse lugar de suporte mesmo”. (P4)

Referente aos elementos do processo identitário atlético na ginástica rítmica percebeu-se similaridade intergeracional, entre níveis competitivos e entre atletas que competem as provas de individual e de conjunto.

Observar os discursos e refletir sobre os elementos é olhar para a categoria social e entender que toda ginasta que passa pelo treinamento de alto rendimento pode ser vista como ginasta independente do nível de competição, as relações interpessoais seguem se consolidando no meio esportivo, porém a cada nível alcançado novas pessoas são inseridas nas relações rotineiras e círculo social. A representação social e a exposição representacional ganham maior proporção quando colocadas em níveis de maior reconhecimento nacional e internacional devido o nível que a ginasta ocupa. A aprendizagem vicária não se diferencia nesse processo, inclusive há uma inspiração em atletas de diferentes níveis.

Dimensões do processo identitário atlético

Na teoria do processo identitário, duas dimensões compõem as propriedades estruturais do modelo: conteúdo e valor (BREAKWELL, 2015). O conteúdo consiste nas características que definem a identidade: os elementos que, tomados como constelação, marcam o indivíduo como único (BREAKWELL, 2015).

As forças internas e externas constituem uma rede de processos que conduz a ginasta em seus comportamentos, maneiras de pensar e agir, independentemente da idade ou do momento da convocação, pois o agente social é influenciado e influencia o espaço em que está vivendo (LOURENÇO, 2015). A respeito da dimensão conteúdo, destacam-se as falas de algumas participantes:

“A gente fez um estágio de treinamento na Rússia e como eu sou canhota, a cultura de lá, no conjunto, todas tem que ser da mesma perna e eu fui deixada de lado. Isso me deixou bem triste, foi bem difícil aquele estágio de treinamento.” (P9)

“Eu era uma criança bem ativa, gostava de brincar muito e mesmo sem nunca ter feito ginástica, eu já ficava virando estrelinha, fazendo espacato em casa.” (P10)

“Eu era muito boa no esporte em geral, qualquer esporte que mandavam fazer, eu me dava bem no esporte.” (P7)

“É que eu também gosto muito de aparecer.” (P21)

Cada elemento na configuração de conteúdo tem um valor anexado a ele. Tomados em conjunto, esses valores constituem a dimensão “valor” de identidade, que está constantemente sujeito a revisão, não apenas porque a própria configuração de conteúdo da identidade muda, mas porque o valor de cada elemento pode ser reavaliado como consequência de mudanças nos sistemas de valores sociais e modificações na posição do indivíduo em relação a tais sistemas. Adicionalmente, o valor de um elemento pode ser alterado indiretamente, como consequência de revisões no valor de outros na configuração de conteúdo (BREAKWELL, 2015).

Na dimensão valor, vários pontos foram citados pelas entrevistadas como: conquistas, viagens e convocações. Como cada participante valorou suas vivências isso define a dimensão valor. Os valores atribuídos às conquistas são destacados por algumas participantes:

“Em primeiro lugar as olimpíadas, apesar de que na competição tem parte boas e ruins. Foi a realização de um sonho estar lá, é a realização de tudo, valeu a pena tudo que eu vivi, mas ao mesmo tempo estava com uma sobrecarga mental absurda. Então assim foi a melhor época da minha vida, mas conseguia ser a pior época ao mesmo tempo.” (P6)

“Olimpíadas, óbvio, eu tenho que falar que foi o momento mais incrível da minha vida. Ainda mais porque a minha lembrança olímpica que é impecável, eu não tenho um ponto ou uma vírgula para poder trocar, porque até hoje, se eu pegar e assistir minhas

séries, arco, bola, maça, fita, eu fiz 4 séries impecáveis e eu trabalhei muito para aquele momento, então eu acho que foi o auge assim da minha ginástica, o auge mesmo. É realização de um sonho e até hoje, às vezes eu paro para pensar, gente, eu competi olimpíadas porque é uma coisa que passa tão rápido, quando você se toca que aquilo já passou.” (P7)

“O momento da gente entrar pra competir os Jogos Olímpicos que estava tudo escuro ali, mas na hora que a gente entrou naquela passarela ali pra competir e aquele mundo de gente e a grande maioria torcendo pra nós.” (P10)

“Pan-Americano de Guadalajara que eu vim de um momento muito difícil e eu consegui competir muito bem assim.” (P11)

“A conquista de Jogos Pan-Americanos foi incrível porque a gente passou por muitos perrengues para chegar ali.” (P12)

“A Copa do Mundo de Minski, o terceiro lugar que pra mim foi realmente a maior conquista nossa assim quantos meus anos de seleção.” (P13)

“Minha medalha agora, do terceiro lugar em fita no brasileiro, a minha vida inteira eu queria muito isso e passou todo o filme na cabeça.” (P21)

As viagens e convocações marcaram a trajetória de algumas atletas que deram grande valor a esse momento, como expõem essas participantes:

“A questão de você viajar, trabalhar com isso, viajar o mundo, conhecer vários países é uma oportunidade que jamais eu teria se eu não fosse atleta. Eu sempre pensava muito nisso. Quando na minha vida que eu ia conhecer 30 países se eu não fosse atleta, isso trazia uma a riqueza cultural para mim, experiências para a minha vida, porque eu sempre falava que a medalha e o troféu, isso fica lá na sua casa e enferruja, estraga, envelhece, mas a sua experiência, sua cultura, é que você vai adquirir com essas experiências que o esporte traz. Isso é para sempre, por exemplo, aprendi falar inglês e espanhol por causa do esporte, porque eu aprendi o básico na escola, mas o resto mesmo, o grosso eu fui aprender falando, viajando, competindo, conversando com colegas, não só na competição, tentando me virar nos aeroportos, nas viagens da vida”. (P7)

“A seletiva que eu fui convocada para a seleção Brasileira, foi muito marcante. Eu não esperava isso acontecer, então esse processo, de me preparar, de prestar uma seletiva e de ser aprovada me marcou muito”. (P17)

Referente às dimensões do processo identitário atlético na ginástica rítmica percebeu-se similaridade entre gerações e atletas de diferentes níveis competitivos relativo à categoria conteúdo, que basicamente define-se como as características pessoais, “ser uma criança ativa antes de ingressar na modalidade” como um fator que auxilia famílias a identificar traços de uma possível atleta. Observou – se um indicador que se sobressai em relação as atletas que competem a prova de

individual, “Gostar de ser responsável pelo seu próprio resultado”, como reforçam os relatos das participantes:

“Pode ser até um pouco individualista, é isso, mas é individual, no esporte individual você precisa ser individualista, pensar em você mesmo. E não sei, eu acho que eu sempre lhei melhor trabalhando sozinha. Não sei, não tem nem como explicar, a minha forma de treinar, de trabalhar na ginástica sempre foi muito diferente, muito peculiar.” (P7)

“Sempre gostei mais do individual. Eu não gostava de depender dos outros, então esse negócio de você ter que depender do bom humor de alguém para treinar e na hora da competição, pois eu sempre fui atleta de competição, na hora da competição eu gostava de fazer tudo a mais, de girar mais, ficava mais tempo, saltava mais e no conjunto você tem que ficar mais limitado ali. Tem que fazer exatamente aquilo. Então eu sempre gostei mais do individual.” (P11)

“Eu sempre preferi o individual. Enfim, porque só dependia de mim. Não é nem por questão de egoísmo não, mas é porque eu sentia a responsabilidade, eu me sentia muito mais pressionada na hora de competir até ficava mais nervosa quando eu cometia erros no conjunto, porque se eu errar eu prejudico mais quatro pessoas que estão ali comigo.” (P15)

Ao analisar o processo identitário atlético de atletas que competem individualmente e em conjunto na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento percebe-se certa diferenciação na preferência e organização dos treinamentos entre as duas provas.

Mesmo entendendo que o trabalho corporal de uma ginasta de individual pode ser melhor do que uma ginasta que treina conjunto, porque a quantidade e o nível de dificuldades corporais exigidas nas competições são maiores no individual, reforçamos que as características para compor uma equipe de conjunto vão além da execução de bons elementos corporais, nem sempre a melhor ginasta individual será a melhor ginasta do conjunto (LOURENÇO, 2015).

A modalidade de conjuntos apresenta algumas características específicas: participação de várias ginastas ao mesmo nível de execução, maior duração do exercício, relação entre as ginastas (com troca ou não de aparelhos e permanente colaboração entre todas ou subgrupos) e sincronização das ações motoras das ginastas (MONTEIRO, 2000). O conjunto é um grupo e como tal uma sociedade que funciona com regras de organização interna, liderança, reconhecimento das próprias possibilidades e limitações, repartidas em tarefas em função das capacidades individuais (BOBO E PALMEIRO, 1998).

Este tipo de trabalho representa um treino em equipe, no qual todas as ginastas perseguem um fim comum, daí que este deva ser colocado ao serviço do conjunto. Os exercícios de conjunto sempre provocaram uma grande atração para

o público em geral: a beleza das trajetórias dos aparelhos, associadas aos deslocamentos das ginastas no praticável, o imprevisto e os efeitos plásticos que emergem desses encadeamentos, sugerem uma grande emoção e sentido estético (MONTEIRO, 2000).

Na dimensão valor destacam-se os indicadores competições e conquistas como marcantes nas trajetórias da grande maioria das atletas participantes da pesquisa, sendo de diferentes gerações, níveis competitivos e provas competitivas.

As ginastas de nível nacional treinam para eventos de grande reconhecimento no território brasileiro que acontecem uma vez ao ano, além dos campeonatos regionais. O campeonato brasileiro de individual na categoria adulto tem como regra a participação nos quatro aparelhos: arco, bola, maçãs e fita para a contabilização do individual geral. O campeonato Ilona Peuker direcionado aos conjuntos tem como regra a participação em dois conjuntos com os aparelhos previamente propostos conforme o ciclo. A seleção brasileira não participa desses eventos, portanto os clubes se organizam e se preparam para a competição conforme o calendário, além do troféu de individual geral a equipe das ginastas que melhor pontuaram também são premiadas.

As ginastas de nível internacional participam de campeonatos sulamericanos, panamericanos e campeonatos mundiais. Das ginastas participantes todas compõem a seleção brasileira, duas são escolhidas e convocadas para esses eventos previamente. No individual as ginastas competem os quatro aparelhos (arco, bola, maçãs e fita) e no conjunto as duas séries propostas pela FIG naquele ciclo. São diversos eventos anuais, além das aclimações em países próximos de onde ocorrerá o campeonato. As participantes da pesquisa de nível internacional tiveram uma média de 16 anos de carreira. Em relação à preferência das provas, 83,3% das entrevistadas manifestaram preferir o individual, em contraste somente 16,7% tem preferência pelo conjunto, todas as participantes da pesquisa desse nível tiveram suas preferências definidas.

As ginastas de nível olímpico participam de Jogos Olímpicos quando o país é classificado previamente para o evento. Na prova de individual o país teve a participação de 3 brasileiras ao longo da história (FIGURA 4). Para a prova de conjunto atualmente as atletas treinam em Aracaju - SE no Centro de Excelência, sob comando da treinadora Camila Ferezin e são convocadas conforme rendimento alguns meses antes do evento. Nem sempre a ginasta sabe se está pronta para assumir toda a carga de treinamento e de responsabilidades, por isso há rotatividade. Mesmo quando a treinadora acredita que a equipe está

fechada há enfrentamentos variados e quando os indivíduos não são dotados do mesmo habitus, estes enfrentamentos podem causar desistências e substituições de forma contínua (BOURDIEU, 1990). Na situação de conjuntos, são cinco a sete ginastas, que estão sujeitas a um tipo de trabalho em relação e interdependência, precisando de uma grande coesão de grupo, deverão ter os mesmos objetivos e motivações desportivas, pois estão sujeitas ao mesmo processo de treino, rotinas, cargas, entre outros (MONTEIRO, 2000).

Analisar as dimensões de conteúdo e valor no processo identitário atlético nos diferentes níveis na ginástica rítmica suscita pensar nas valências, habilidades e comportamentos de traço pessoal, como criaram suas crenças ao longo da vida e tudo que consumiram se transformou no gosto pessoal de cada uma. Tudo isso irá influenciar em como chegaram e conquistaram suas posições dentro da categoria social, o esporte, a ginástica rítmica, o ser ginasta. A identidade então costura o sujeito à estrutura (HALL, 2011). Muitos dos caminhos traçados pelas atletas se repetiram, se cruzaram e ao fim seguiram diferentes rumos nos diferentes níveis.

A dimensão de conteúdo terá uma variação conforme a valoração das vivências de cada uma, então se uma atleta de nível nacional se visualiza como uma atleta internacional ela lutará para chegar nesse nível, porém se não houver essa projeção inicial mental dificilmente a mudança de nível acontecerá. No nível internacional as atletas tem muitas relações interpessoais com atletas olímpicas, o que de certa forma facilita nessa caminhada de construção de identidade e mudança de nível.

O apoio psicológico regular torna-se cada vez mais imprescindível na medida que se caminha para o treino com vista ao alto rendimento desportivo. Para uma ginasta conseguir suportar tal quantidade de trabalho, para além das exigências técnicas, capacidades e habilidades motoras bem consolidadas, necessita de ter um grande espírito de sacrifício, em termos de cuidados alimentares, motivação para a rotina de treinos diários ou bi-diários, enfrentar o estresse competitivo com naturalidade (MONTEIRO, 2000).

Uma atleta vislumbra, se torna, passa por momentos de transição, falta de direção, necessidade de afirmação e tomada de decisão. Falar de ginástica rítmica é falar de mulheres em um ambiente dotado de proteção e cuidado, mas também muita exigência de perfeição e falta de privilégios em uma sociedade extremamente patriarcal, estar nesse ambiente é lutar pela necessidade de de afirmação de território e identidade. A identidade é uma luta simultânea contra a

dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo umarecusa resoluto a ser devorado (BAUMAN, 2005).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importantes questões relacionadas ao processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento foram destacadas pelas entrevistas com atletas e ex-atletas de ginástica rítmica, nomeadamente: como as participantes lidaram com a construção de identidade atlética, o momento em que despertaram para o meio competitivo, o papel da transição entre turmas e níveis, campeonatos que despertaram o senso de desafio e reconhecimento dessa faceta da identidade, os motivos que as fizeram manter sua identidade atlética (amor à modalidade, ter metas e objetivos bem traçados para darem continuidade ao processo e, conseqüentemente, sua carreira) e questões determinantes para a ruptura de identidade (lesões, cansaço, trabalho e estudos na transição de carreira).

O processo identitário atlético demonstrou ser um processo complexo, composto por vários elementos que reforçam a identidade atlética: (a) categoria social, ligada ao reconhecimento de sua função na sociedade e traços que descrevem as participantes do grupo como uma criança ativa, gostar de treinar e ser competitiva; (b) relações interpessoais, que acontecem dentro e fora do grupo e que interligam e dão sentido à vivência de cada participante (ter boas amizades na modalidade e a importância do companheirismo); (c) representação social, que se refere a como as pessoas ao redor reconhecem e visualizam a identidade das atletas e a ter o reconhecimento dos amigos de fora do esporte; (d) exposição representacional, que diz respeito a como será exibida essa faceta da identidade (gostar de aparecer, apresentar e estar na TV; (e) aprendizagem vicária, que facilita a reprodução dos comportamentos e formas de ser atleta (assistir e se espelhar ao treino de atletas mais velhas).

As dimensões do processo identitário atlético envolvem o conteúdo (traços pessoais como ser uma criança ativa, ser canhota, gostar de aparecer, gostar de criar coreografias e ser individualista) e valor, reforçando momentos e fatores que marcaram as carreiras das atletas (competições, conquistas e viagens).

Por fim, a pesquisa evidencia que o processo identitário atlético fala sobre o tempo de construção e desconstrução de identidade de pessoas em um meio extremamente dinâmico que é o esporte. Nesse meio, que é desafiador não somente para capacidades físicas, mas também para a questão psicológica, uma atleta passa por diversas fases e momentos que irão testar sua capacidade e competência de permanecer no esporte. Assim, o treinamento de competências psicológicas se mostra essencial como preparação para treinos e competições para que essas fases sejam superadas de forma mais harmoniosa possível.

Os resultados encontrados neste estudo, embora não isento de limitações, como poucas representantes de algumas regiões brasileiras e da primeira geração, suscita importantes questões referentes à identidade atlética na ginástica rítmica brasileira e que, de alguma forma, pode contribuir e incentivar pesquisadores a se aprofundarem no processo identitário atlético nessa e noutras modalidades esportivas. Apontam, também, direções futuras de pesquisa, tais como estudos longitudinais, que podem ser seguidos, a fim de suprir importantes lacunas ligadas ao processo identitário atlético na ginástica rítmica, no Brasil e no mundo, que não puderam ser contempladas nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Heloisa de Araujo Gonzalez. **Pedagogia da Ginástica Rítmica: Teoria e Prática**. São Paulo: Phorte, 2011.

ALONSO, Heloísa; INGEBOERGE, Crause. Ginástica Rítmica. In: DACOSTA, Lamartine (Org). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Rev. Bras. Ci. e Mov.* Brasília v. 12 n. 4, p. 45-50, dezembro 2004.

AVILÉS, M. I. DÍAZ, Y. G. BORRÁS, N. O. Reflexões sobre o planejamento e o controle do treinamento esportivo na ginástica rítmica: respostas a partir da pesquisa científica. In: SCHIAVON, L. M.; BORTOLETO, M. A. C.; NUNOMURA, M.; TOLEDO, E. (org.). *Ginástica de alto rendimento*. Várzea Paulista, SP: Fontoura, cap. 10, p. 219-239, 2014.

BANDURA, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

BARROS, Daisy e NEDIALCOVA, Giurga T. **Os primeiros passos da Ginástica Rítmica**. Grupo Palestra Sport: Rio de Janeiro, 1999.

BARROS, Keila Sgobi de. Recortes da transição na carreira esportiva. **Rev. bras. psicol. esporte**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 01-27, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 nov. 2022.

BARBOSA, M. L. L. *Autodeterminação no esporte: o modelo dialético da motivação intrínseca e extrínseca*. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

BARTELMÉBS, Roberta Chiesa. *Analisando os dados na pesquisa qualitativa. Metodologias de estudos e pesquisas em educação III*. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENDER, N., & Goellner, S. V. (2019). A participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos jogos olímpicos: Trajetórias, narrativas e memórias. *Motrivivência - Revista de Educação Física, Esporte e Lazer*, 31(59).

BENSON, A., Evans, Surya, Martin, and Eys. Embracing Athletic Identity in the Face of Threat. *Sport, Exercise, and Performance Psychology* 2015, Vol. 4, No. 4, 303–31.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer; Vaz, Alexandre Fernandez. Políticas do corpo feminino: a(s) identidade(s) feminina(s) em atletas de ginástica rítmica (GR). *Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 2010.

BOBO, M. PALMEIRO, M. A. *Ximnasia Rítmica Deportiva - adestramento e competición*". Edicións Lea, Santiago de Compostela, 1998.

BOMPA, T. O. *Total training for young champions*. Champaign: Human Kinetics, 2000. p.1-29.

BOMPA, T. O. Periodização: Teoria e metodologia do treinamento. São Paulo: Phorte, 2002.

BRANDÃO, M.R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A. E NASTÁS. M. A. (2000). Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, 8(1), 49-58.

BREWER, B. W., VAN RAALTE, J. L., & LINDER, D. E. (1993). Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles' heel? *International Journal of Sport Psychology*, 24, 237-254.

BREAKWELL, G. (2015). Identity process theory. In G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell, & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge Handbook of Social Representations* (Cambridge Handbooks in Psychology, pp. 250-266). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9781107323650.021

BRITTEN, N. Entrevistas qualitativas. In: POPE, C; MAYS, N. Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. Porto Alegre (RS): Artmed, 2009. p. 23-31.

BRITTO JÚNIOR, A.F.; FERES JÚNIOR, N. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-50, 2011. Disponível em: Acesso em: 29 ago. 2016.

CAÇOLA, Priscila. **A iniciação esportiva na ginástica rítmica**. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v. 2, n. 1, p. 9-15, mar. 2007.

CAFRUNI, C. Análise de carreira desportiva de atletas brasileiros. Estudo da relação da formação e o rendimento esportivo. Dissertação de mestrado. Faculdade de ciências do desporto e de educação física. Universidade do Porto, Portugal.

CAMPOS, Rafaella Cristina; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MACIEL, Luiz Henrique Rezende. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* jan.-jun. 2017, Vol. 18, No. 1, 31-41.

CARAZZATO, J.G. A criança e o esporte: idade ideal para o início da prática esportiva competitiva. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v.1, n.4, p.97-101, 1995.

COELHO, Simões e Lunz. Desequilíbrio hormonal e disfunção menstrual em atletas de ginástica rítmica. *Rev Bras Ciênc Esporte*. 2015;37(3):222---229.

CIAMPA, Antonio da Costa; Leme, Clodoaldo Gonçalves; Souza, Renato Ferreira de. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. *REVISTA DIVERSITAS - PERSPECTIVAS EN PSICOLOGÍA* - Vol. 6, No 1, 2010.

CRAUSE, I. I. Ginástica Rítmica Desportiva: um estudo sobre a relevância da preparação técnica de base na formação da ginasta, 1985. 149p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CRAUSE, I. I. Código de Pontuação de Ginástica Rítmica Desportiva. Rio de

Janeiro: Sprint, 1986.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Volume 4), Rio de Janeiro, Editora 34, pp. 18-19.

DURAND-BUSH, N. SALMELA, J. The development maintenance of expert athletic performance: perception of world and olympic champions. *Journal of Applied Sport Psychology*. Philadelphia, v. 14. p. 154-171, 2002.

DOREA, Guga. Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênesse e devir. *Margem*, São Paulo, Nº 16, P. 91-106, dez. 2002.

FILHO, Jucelino; BARBOSA, Thiago; QUINTELLA, Thiago. Natália Gaudio emociona o público, mas cai na eliminatória, russa avança em 1º. Rio de Janeiro, 19 ago. 2016. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/ginastica-ritmica/noticia/2016/08/natalia-gaudio-empolga-publico-mas-cai-na-eliminataria-russa-avanca-em-1.html>. Acesso em: 01 dez. 2022.

FONTANA, Patrícia Silveira. A motivação na ginástica rítmica: um estudo descritivo correlacional entre dimensões motivacionais e autodeterminação em atletas de 13 a 16 anos. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p.193, 2010.

FORTES, Leonardo de Sousa; FIORESE, Lenamar. *Psicologia do esporte*. Ampla: Belo Horizonte, 2022.

GAIO, Roberta. **Ginástica rítmica: da iniciação ao alto rendimento**. Fontoura: Várzea Paulista, 2013.

GAIO, Roberta. **Ginástica rítmica popular: uma proposta educacional**. Fontoura: Jundiaí, 2007.

GARCIA, Ângela; MARCONATO, Bárbara. **Atividades rítmicas escolares**. Canoas: Ulbra, 2005.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (1993). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.

GOELLNER, Silvana V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio agosto, 2007.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HERNANDEZ-NIETO, R. Contributions to statistical analysis. Mérida, Espanha: Los Andes University Press, 2002.

HUGHES, R., & Coakley, J. Positive deviance among athletes: The implications of overconformity to the sport ethic. *Sociology of Sport Journal*, 8, 307–325. 1991.

FERRAZ, A. P.; ALVES, M. R. A.; BACURAU, R. F. P.; NAVARRO, F. **Avaliação**

da dieta, crescimento, maturação sexual e treinamento de Crianças e adolescentes atletas de ginástica rítmica. Revista Brasileira de Nutrição Esportiva, São Paulo v. 1, n. 1, p. 1-10, Jan/Fev, 2007. ISSN 1981-9927.

FREITAS, H. M. R.; JANISSEK, R. **Análise Léxica e Análise de Conteúdo: técnicas complementares, sequenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos.** Porto Alegre/RS: Sphinx - Sagra (distrib.), julho 2000. p. 176.

FUJISAWA, D. S. Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Júlio de Mesquita Filho. Marília. SP, 2000.

INIGUEZ, L. Identidad: de lo personal a la Social. Un recorrido conceptual. En E. Crespo, & C. Soldevilla (Eds.), La construcción social de la subjetividad (pp. 209--225). Madrid, España: Catarata. 2001.

JODELET, D., 1985. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: Psicología Social (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paidós.

KUNZ, Elenor. As dimensões inumanas do esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (1994) Disponível em: Acesso: em: 23 março 2012.

LAFFRANCHI, B. Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica. Londrina: UNOPAR, 2001. 157 p.

LANARO, Pedro Filho; Bohme, Maria Tereza Silveira. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão. Revista Paulista de Educação Física, 15(2):154-168. 2001.

LAVALLEE, D., & ROBINSON, H. K. In pursuit of an identity: A qualitative exploration of retirement from women's artistic gymnastics. *Psychology of Sport and Exercise*, 8(1), 119–141. 2007.

LEITÃO, Sergio Proença; FORTUNATO, Graziela; FREITAS, Angilberto Sabino de. Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica. RAP Rio de Janeiro 40(5):883-907, Set./Out. 2006.

LIOBET A., (1996) "Gimnasia Rítmica Deportiva - Teoría y práctica". Colección Deporte, Editorial Paidotribo, Barcelona.

LISITSKAYA, T. Gimnasia rítmica. Barcelona: Paidotribo, 1995. 410p.

LOURENÇO, Márcia Regina Aversani. Seleção brasileira de conjuntos de ginástica rítmica: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o habitus construído. / Márcia Regina Aversani Lourenço. – Maringá; Londrina, 2015.

MACÍAS, V; MOYA, M. (2002). Género y deporte, la influencia de variables psicosociales sobre la práctica deportiva de jóvenes de ambos sexos. Revista de Psicología Social, 17(2), 129---148.

MACIAS, Céres Cemírames de Carvalho. **Corpos em cena: o fazer pedagógico na ginástica rítmica** – 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belém, 2011.

MAGALHÃES, L.R. de. Relações Interpessoais no Cotidiano e Aprendizagem. Revista Psicopedagogia. 2001.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. p. 720.

MANNO, R. Fundamentos dei entrenamiento deportivo. Deporte e Entrenamiento. Editorial Paidotribo, Barcelona. 1991.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista como instrumento de pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise. 2014.

MARINHO, I. P. Ginástica feminina moderna: origens e fundamentos. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.

MCADAMS, D.P. (1988). **Biography, narratives, and lives**. Journal of Personality, 56, 1-18.

MENEZES, Novaes e Fernandes-Filho. Qualidades físicas de atletas e praticantes de Ginástica Rítmica pré e pós-púberes. Rev. salud pública. 14 (2): 238-247, 2012.

MEAD, G.H. (1934). **Mind, Self, and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist**. University of Chicago Press: Chicago.

MERCER, K. (1990). **Welcome to the jungle**. Em J. Rutherford (Org.), Identity. Londres: Lowrence and Wishart.

MILLER, P. S., & KERR, G. A. Conceptualizing excellence: Past, present and future. Journal of Applied Sport Psychology, 14, 14–153. 2002.

MONTEIRO, Marcos Vinicius Pereira. A construção identitária nas aulas de educação física. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.

MONTEIRO, Sonia Gabriela Ribeiro. Quantificação e qualificação das cargas de treino em Ginástica Rítmica. Dissertação (Mestrado em Ciências do desporto e educação física) – Universidade do Porto. 74 pgs. Porto, 2000.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. Análise Textual Discursiva. Ijuí: Unijuí, 2005.

MORAES, Leticia Cristina Lima; SILVA, Marcelo Moraes e, RINALDI, Ieda Parra Barbosa; ROJO, Jeferson Roberto; GOMES, Leonardo do Couto. Ginástica rítmica: perfil sobre a produção científica em periódicos da América Latina, Caribe e Países Ibéricos. PENSAR EN MOVIMIENTO: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud. Vol.17 N° 1(1-23), No.1, pp. 1- 23.ISSN 1659-4436, 2019.

NAVARRO, A. Ginástica Rítmica: uma abordagem histórica. Revista Brasileira de Ciências da Saúde, Publicação do Centro da Saúde IMES, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul: IMES, ano 3, n.5, jan. - junho. 2005.

NATIVIDADE, Daniela da. Garimpando memórias: primórdios da ginástica rítmica no Rio Grande do Sul. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em educação física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre:RS. 2010.

O nome dela é Rosane Favilla. CBG, Aracaju, 02 ago. 2020. Disponível em: https://www.cbginastica.com.br/noticia/1507/o_nome_dela_e_rosane_favilla. Acesso em: 01 dez. 2022.

PAOLIELLO, Elizabeth e TOLEDO, Eliana. **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills: Sage, 1990.

PEIRÓ-VELERT, Carmen; VALENCIA-PERIS, Alexandra; FOS-ROS, Verónica; DEVÍS-DEVÍS, José. Identidad deportiva en adolescentes españoles: propiedades psicométricas de la versión en español de la escala Athletic Identity Measurement Scale-E Revista Latinoamericana de Psicología, vol. 48, núm. 1, 2016, pp. 8-17.

PEUKER, J. **Ginástica moderna sem aparelhos**. Rio de Janeiro, Fórum, 1973.

POZZEBON, M.; FREITAS, H. Pela aplicabilidade - com um maior rigor científico dos estudos de caso em sistemas de informação. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 143-170, 1998.

ROGERS, M. E.; CREED, P. A. (2011). A longitudinal examination of adolescent career planning and exploration using a social cognitive career theory framework. *J. Adolesc.* 34, 163–172. doi: 10.1016/j.adolescence.2009.12.010.

SALMELA, J.H.; MORAES, L.C. A. Development of expertise: The role of coaching, families and cultural contexts. In: Starkes, J.L.; Ericsson, A.K. (Ed.) *Expert Performance in Sports (275-293)*. Champaign, IL: Human Kinetics, 2003.

SCHIAVON, L. M. et al. Etapas e volume de treinamento das ginastas Brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). *Motricidade*, Santa Maria da Feira, v. 7, n. 4, p. 15-26, 2011.

Soares Nakashima, Fernanda et al. Envolvimento parental no processo de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica: construção de um modelo explicativo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* [online]. 2018, v. 40, n. 2 [Acessado 5 dezembro 2022], pp. 184-196. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.016>>. ISSN 2179-3255. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.01.016>.

SPINK, M. J. P. The Concept of Social Representations in Social Psychology. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.

STAMBULOVA, N. V. Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. *The Sport Psychologist*, 8(3), pp. 221-237. 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALA, J. Representações sociais – para uma psicologia social dopensamento social. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Orgs.), *Psicologia social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1997.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos CEDES*. Campinas, ano XIX, n. 48, ago, p. 89-106, 1999.

YANG, J., PEEK-ASA, C., Cortlette, J. D., Gang Chen, M. S., Foster, D., & Albright, J. Prevalence of risk factors associated with symptoms of depression in competitive collegiate student athletes. *Clinical Journal of Sports Medicine*, 17, 481–487. 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – QUESTÕES NORTEADORAS

Apêndice 1 - **QUESTÕES NORTEADORAS**

1. Como se deu o seu primeiro contato com a GR?
2. Como aconteceu a sua primeira participação em campeonato?
3. Quando você se sentiu ginasta?
4. Qual a sua preferência entre individual e conjunto e como foi essa experiência para você?
5. O que te motivou a manter a carreira esportiva ativa?
6. Quais os motivos que te levaram a parar de treinar e por quê?
7. Quais são as memórias mais marcantes da sua carreira?

APÊNDICE 2 - CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Nós, Prof^a Dra. Joice Mara Facco Stefanello (professora orientadora) e Mariana Boneli Vieira (aluna de Pós-Graduação), da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você, a participar do estudo intitulado “Processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento”.

O objetivo do estudo é analisar o processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento, se você tem interesse e disponibilidade para participar da pesquisa, prontamente será direcionada para o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento que contém mais informações sobre a pesquisa. A participação na pesquisa será por meio de entrevista virtual previamente agendada.

Após a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aguardamos a sua resposta para prosseguir com processo de agendamento da entrevista.

Agradecemos o seu tempo e atenção.

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós, Prof^a Dra. Joice Mara Facco Stefanello (professora orientadora) e Mariana Boneli Vieira (aluna de Pós-Graduação), da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você, a participar do estudo intitulado “Processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento”. Os objetivos do projeto são: analisar as fases, os elementos e as dimensões constituintes do processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento, analisar o processo identitário atlético em ginastas e ex-ginastas brasileiras de diferentes níveis competitivos da ginástica rítmica (nacional, internacional e olímpico) e analisar o processo identitário atlético de atletas que competem individualmente e em conjunto na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Você está sendo convidada por que faz parte da história da ginástica rítmica no Brasil. Você tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. Caso aceite participar sua participação consiste em entrevista via Zoom sobre a sua carreira atlética. Alguns riscos relacionados ao estudo dizem respeito que, ao responder as perguntas, você pode sentir algum desconforto em relação a algum item. Desta forma, caso ocorra, você pode optar em respondê-lo (o item) ou não.

Se julgar necessário, você dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida. Também estão assegurados a você o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos a você o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Garantimos a você a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Pode-se entrar em contato com a

pesquisadora responsável Mariana Boneli Vieira a qualquer momento para informação adicional no marianabonelli@gmail.com ou com a Profª Dra. Joice Mara Facco Stefanello (orientadora, e-mail: joice@ufpr.br).

Você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Paraná (CEP/SD) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/SD fica na rua - Rua Padre Camargo, 285, 1º andar, Alto da Glória, Curitiba – PR. Fone: (41) 3360-7259, E-mail: cometica.saude@ufpr.br. O CEP/UFPR é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término por você, ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

_____, / /

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora Responsável

APÊNDICE 4 – LISTAGEM DE INDICADORES

| Categoria | Subcategoria | Indicador |
|-------------------|--|--|
| Construção | Construção prévia ao início da prática esportiva | Sentiu-se ginasta desde o início. |
| | Transição de nível | Sentiu-se ginasta na mudança de carga horária entre turmas. Sentiu-se ginasta na mudança de clube mediante mudança de nível. |
| | Conquista ou reconhecimento esportivo | Sentiu-se ginasta quando ganhou a primeira medalha. Sentiu-se ginasta na categoria pré-infantil, após dar entrevista sobre resultado de competição. Sentiu-se ginasta na categoria juvenil na seleção para o panamericano. |
| Manutenção | Enlace afetivo | Amar o esporte a fez seguir treinando. Ter gosto pela modalidade a fez seguir treinando. |
| | Perspectiva de futuro | Ter sonhos e ou metas a fez seguir treinando. Ter compromisso e ou responsabilidade a fez seguir treinando. Ser competitiva a fazia seguir treinando. |
| | Conquistas | Ter conquistas a fez seguir treinando. Evoluir na modalidade a fez seguir treinando. |
| | Estabilidade Financeira | Ter liberdade financeira gerada pelo esporte a fez seguir treinando. |
| | Motivação extrínseca | A família a motivou a seguir treinando. Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. |
| Ruptura | Saúde física e mental | As lesões foram determinantes na decisão de aposentadoria. |

| | | |
|-----------------------------------|---|---|
| | Transição de carreira | A busca por saúde mental foi determinante na decisão de aposentadoria. O cansaço foi determinante na decisão de aposentadoria. |
| | Finalização de carreira | Os estudos foram determinantes na decisão de aposentadoria. O trabalho foi o fator preponderante na decisão de aposentadoria. Mudar de cidade para dançar foi determinante para a aposentadoria. |
| | Perda de interesse na modalidade ou treinamento | Decidir fechar um ciclo foi determinante para parar de treinar. Perder o interesse pelo treinamento foi decisivo para parar de treinar. A frustração com a modalidade foi determinante na decisão de aposentadoria. |
| Categoria social | | Ser competitiva a classificava como ginasta. Ser uma pessoa que gosta de treinar a classificava atleta. Ser uma criança muito ativa levou a família a identificar traços de uma futura atleta. |
| Relações pessoais | | Ter boas amizades na modalidade a fez seguir treinando. O companheirismo tornou os treinos mais prazerosos. |
| Representação social | | Ser ginasta a fez ter o reconhecimento e o apoio dos amigos da escola. |
| Exposição representacional | | A possibilidade de aparecer na TV a fez ingressar na modalidade. Gostar de apresentar possibilitou a permanência na modalidade. Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar. |

| | | |
|-----------------------------|--|--|
| Aprendizagem vicária | | <p>Assistir ao treino de ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos.</p> <p>Treinar com ginastas mais velhas permitia o reconhecimento de novos movimentos.</p> <p>Assistir a aula de ginástica rítmica e imitar os movimentos do lado de fora da sala a levou a ingressar na modalidade.</p> |
| Conteúdo | | <p>Ser uma criança ativa influenciou na identificação com a modalidade.</p> <p>Ser canhota dificultou as vivências atléticas em um conjunto.</p> <p>Gostar de aparecer a fazia gostar de apresentar.</p> <p>Gostar de criar e montar séries facilitou o processo de treinamento.</p> <p>Gostar de ser responsável pelo resultado a fazia preferir o individual.</p> <p>Ser individualista a fazia preferir o individual.</p> |
| Valor | | <p>As competições marcaram a carreira esportiva da participante.</p> <p>As conquistas marcaram a carreira esportiva da participante.</p> <p>As viagens marcaram a carreira esportiva da participante.</p> <p>A convocação para seletiva da seleção brasileira marcou a vida da participante.</p> <p>A convocação para seleção brasileira marcou a vida da participante.</p> |

ANEXOS

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UFPR - SETOR DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARANÁ -
SCS/UFPR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento

Pesquisador: Joice Mara Facco Stefanello

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55541522.3.0000.0102

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.389.506

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná sob a orientação da Profa. Dra. Joice Mara Facco Stefanello e colaboração de Mariana Boneli Vieira. A pesquisa irá analisar o processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório a ser realizada em ambiente virtual, por meio de entrevistas semiestruturadas via Zoom, com link previamente enviado as participantes. A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada para melhor compreensão do processo identitário atlético. As fases do processo identitário atlético contemplam as etapas desde a de construção da identidade atlética até a transição de carreira. Busca-se rememorar o primeiro contato com a modalidade, como aconteceu o ingresso na ginástica rítmica, a idade e o local de iniciação. Pretende-se, com isso, compreender como cada atleta trilhou o seu caminho dentro da modalidade se construindo e desconstruindo. Os elementos envolvem a categoria social, as relações interpessoais, o representante ou representação social, a exposição representacional e a aprendizagem vicária que compõem o processo identitário atlético. Com essas informações, pretende-se compreender o grupo ao qual a atleta faz parte, como se deu as relações entre atletas, exemplos e inspirações dentro da modalidade, apresentações ou afirmações de identidade atlética dentro da modalidade/mídias sociais e as técnicas utilizadas pelas atletas para manutenção de aprendizado. Participarão do estudo atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica de alto rendimento, que atendam aos seguintes critérios de

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

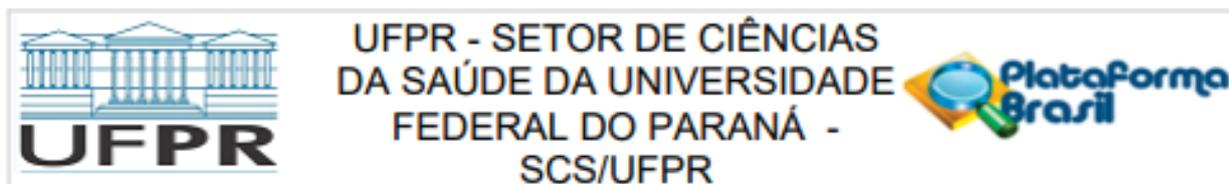
UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.389.506

seleção: (1) atletas do sexo feminino, visto que a modalidade olímpica é exclusivamente feminina; (2) atletas que treinam/treinaram e competem/competiram em campeonatos nacionais, internacionais e jogos olímpicos. O período de realização da pesquisa será da aprovação do comitê de ética até dezembro de 2022.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Analisar o processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Objetivos Específicos

- Explorar as fases, os elementos e as dimensões constituintes do processo identitário atlético na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.
- Analisar o processo identitário atlético em ginastas e ex-ginastas brasileiras de diferentes níveis competitivos da ginástica rítmica (nacional, internacional e olímpico).
- Analisar o processo identitário atlético de atletas que competem individualmente e em conjunto na ginástica rítmica brasileira de alto rendimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O presente estudo apresenta risco referente aos possíveis desconfortos emocionais referentes as perguntas ou lembranças. Caso haja algum desconforto emocional relativo a memórias, serão feitas pausas nas entrevistas com possibilidade de remarcação de data.

Os benefícios descritos pelos autores são contribuir com novas informações acerca da ginástica rítmica no país, principalmente se tratando de como os processos identitários atléticos são formados e como podem definir o plano de carreira das atletas de ginástica rítmica do Brasil. Além disso pretendem criar uma ponte entre pesquisadores e treinadores junto de suas atletas o que permitirá que as informações que serão coletadas possam melhorar a compreensão acerca do impacto de características esportivas no desenvolvimento e rendimento atlético e, assim, auxiliar atletas e profissionais que atuam com a modalidade a montar melhor periodização de treinamento e plano de carreira mediante os objetivos individuais e de conjunto.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este estudo, de caráter qualitativo, pode ser classificado como um estudo descritivo-exploratório.

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

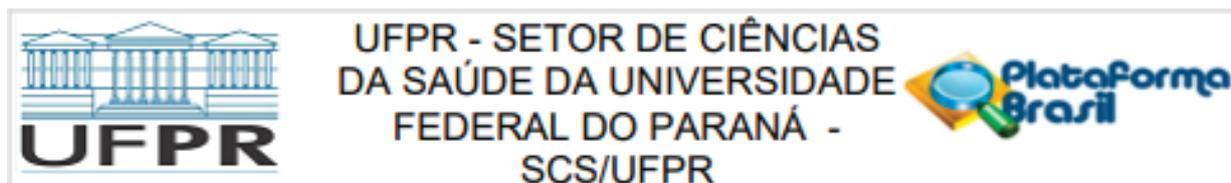
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3380-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.389.506

Participarão do estudo atletas e ex-atletas brasileiras de ginástica rítmica de alto rendimento, que atendam aos seguintes critérios de seleção: (1) atletas do sexo feminino, visto que a modalidade olímpica é exclusivamente feminina; (2) atletas que treinam/treinaram e competem/competiram em campeonatos nacionais (Campeonato Brasileiro de Individual e Ilona Peuker, direcionado a conjuntos), internacionais (Campeonatos Sul-americanos, Pan-americanos e Mundiais) e jogos olímpicos. Para o levantamento das possíveis participantes do estudo, foi realizada consulta à base de dados da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), disponível em site oficial (<https://www.cbginastica.com.br/ginastica-ritmica>), encontrando-se 123 atletas. No nível nacional, encontraram-se 69 atletas, no nível internacional, 24 atletas e no nível olímpico, 30 atletas. A partir do número total de atletas em cada nível competitivo, foram selecionadas, intencionalmente, o que se considerou serem os casos de maior imersão e representatividade (considerando trajetória, carreira atlética e idade) na modalidade e campeonatos, a fim de contemplar casos ricos em informações para atender aos objetivos propostos (PATTON, 1990). Assim, para cada nível atlético (nacional, internacional e olímpico) foi selecionada uma atleta de cada estado, de acordo com as subclassificações: (1) Geração 1 – atletas precursoras que marcaram o início da história da ginástica 28 rítmica do Brasil e que participaram de competições nos respectivos níveis atléticos entre 1980 e 1990; (2) Geração 2 – atletas que participaram de competições nos respectivos níveis atléticos entre os anos 1998 e 2008; e (3) Geração 3 – atletas que participaram de competições nos respectivos níveis atléticos entre os anos de 2009 e 2021.

Para cada estado brasileiro, foi selecionada uma ginasta, sendo esta considerada o caso de maior imersão e representatividade na modalidade. Considerou-se como o caso de maior imersão e representatividade, a atleta que participou do maior número de competições, além de ter carreira esportiva mais longa dentre as participantes. Tais características são consideradas fundamentais para a compreensão do processo identitário atlético, na medida em que permite compreender a idade média de iniciação e idade média de transição de carreira, tempo de treinamento na modalidade e conseqüentemente tempo de formação de identidade atlética. A partir dos critérios estabelecidos, 32 atletas foram selecionadas e serão convidadas para participarem do estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista semiestruturada via Zoom. Neste estudo, a entrevista semiestruturada seguirá um roteiro de questões que permite organização, flexibilidade e ampliação dos questionamentos, na medida em que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado. Serão criados pontos de referência que guiarão as entrevistas. As fases do processo identitário atlético contemplam as etapas desde a de construção da identidade atlética até a transição de carreira. Busca-se rememorar o primeiro contato com a modalidade, como aconteceu

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

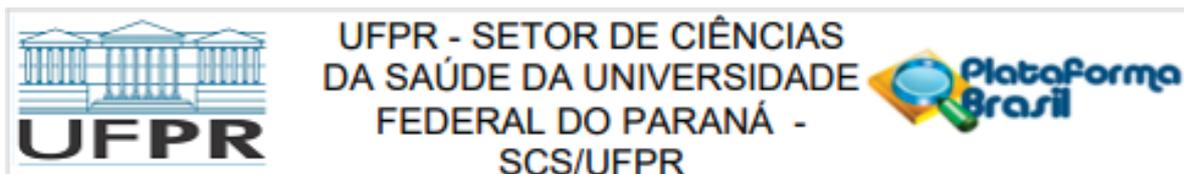
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.389.506

o ingresso na ginástica rítmica, a idade e o local de iniciação. Pretende-se, com isso, compreender como cada atleta trilhou o seu caminho dentro da modalidade se construindo e desconstruindo. Os elementos envolvem a categoria social, as relações interpessoais, o representante ou representação social, a exposição representacional e a aprendizagem vicária que compõem o processo identitário atlético. Com essas informações, pretende-se compreender o grupo ao qual a atleta faz parte, como se deu as relações entre atletas, exemplos e inspirações dentro da modalidade, apresentações ou afirmações de identidade atlética dentro da modalidade/mídias sociais e as técnicas utilizadas pelas atletas para manutenção de aprendizado.

Espera-se que com essa pesquisa possam ser criados planos de carreiras para as atletas de ginástica rítmica atuais, visando contribuir para o quadro esportivo nacional. Compreender como se desenrolaram carreiras esportivas de atletas que passaram pela transição de carreira ou que se encontram na última categoria permitirá traçar novos horizontes para a modalidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados

Recomendações:

Nenhuma recomendação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As correções solicitadas no projeto de pesquisa, bem como no TCLE foram realizadas.

Favor inserir em seu TCLE e TALEo número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa aplicar aos participantes de sua pesquisa, conforme decisão da Coordenação do CEP/SD de 13 de julho de 2020.

Envio de relatórios parciais a cada seis meses. Modelo e manual de submissão disponíveis na aba Emendas e Relatórios, sub-aba Relatórios do página do CEP. www.cometica.ufpr.br

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais(a cada seis meses de seu parecer de aprovado) e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de

Endereço: Rua Padre Camargo, 285 - 1º andar

Bairro: Alto da Glória

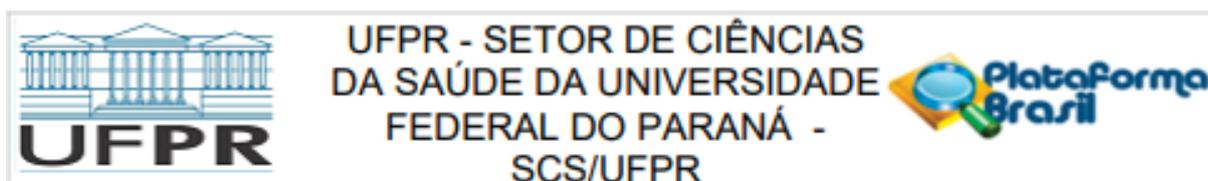
CEP: 80.060-240

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br



Continuação do Parecer: 5.389.506

prazo.

Emenda – ver modelo de carta em nossa página: www.cometica.ufpr.br (obrigatório envio).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1852752.pdf | 04/04/2022 11:58:37 | | Aceito |
| Outros | Carta_resposta.docx | 04/04/2022 11:57:31 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projetodetalhado_corrigido.docx | 04/04/2022 11:54:33 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_corrigido.docx | 04/04/2022 11:53:44 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Outros | Checklist_22.pdf | 03/02/2022 12:12:06 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Outros | Analise_de_merito.pdf | 03/02/2022 10:56:01 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Outros | Carta_de_encaminhamento.pdf | 03/02/2022 10:40:13 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | Declaracao_de_compromisso_de_equipe.pdf | 03/02/2022 10:38:56 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.docx | 03/02/2022 10:38:23 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_detalhado.docx | 03/02/2022 10:36:44 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 01/02/2022 10:13:47 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |
| Outros | Ata.pdf | 16/11/2021 11:39:18 | Joice Mara Facco Stefanello | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: